

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E PATRIMÔNIO

VALORAÇÃO DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO:

ESTUDO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E
CIENTÍFICO DE UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Miriam Moema Loss

Orientação: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Porto Alegre
2019

Miriam Moema Loss

VALORAÇÃO DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO:

ESTUDO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E
CIENTÍFICO DE UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Dissertação de Mestrado realizado como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio, pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Porto Alegre
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Muller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Samile Andrea de Souza Vanz

Chefe-Substituta: Prof. Dr. Rene Faustino Junior

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Coordenadora: Profa. Dra. Luísa Gertrudis Durán Rocca

Vice-Coodenadora: Profa. Dra. Fernanda Carvalho de Albuquerque

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L881v Loss, Miriam Moema

Valoração de acervo bibliográfico: estudo de preservação do patrimônio histórico, cultural e científico de uma biblioteca universitária. / Miriam Moema Loss. – 2019.

f.: il.

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2019.

Orientadora: Jeniffer Alves Cuty.

1. Acervo bibliográfico – Valoração. 2. Valor. 3. Biblioteca universitária. II. Título.

CDU 025.8

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
Rua Ramiro Barcelos, 2705 Sala 203 - Campus Saúde
90035-007 Porto Alegre / RS
Telefone: (51) 3308-2163
Email: ppgmuspa@ufrgs.br

Miriam Moema Loss

VALORAÇÃO DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO:
ESTUDO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E
CIENTÍFICO DE UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada em: 02 de agosto de 2019

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty – Orientadora

Profa. Dra. Silvana de Fátima Bojanoski – UFPel

Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto – PPGMUSPA / UFRGS

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes – PPGMUSPA / UFRGS

“Na minha juventude tola e robusta, quando meus amigos sonhavam com feitos heroicos nos campos da engenharia e da lei, finanças e política nacional, eu sonhava em me tornar bibliotecário.”

Alberto Manguel

Ao meu querido pai, *in memoriam*, por acreditar na educação, pela sua paixão por livros e por me sugerir seguir a carreira de bibliotecária.

AGRADECIMENTOS

Ser grata é reconhecer...

Ser grata é perceber...

Ser grata é compartilhar...

Neste momento agradecer é dizer...

Gratidão por todos que me acompanharam neste desafio.

Gratidão pelos meus filhos que compreenderam minha ausência nos finais de semana, sempre envolvida com as leituras e trabalhos do curso.

Gratidão pelo meu marido que se viu meio sozinho durante estes dois anos e também soube compreender a minha ausência.

Gratidão pelas minhas duas fadinhas, minha querida mãe e minha querida tia-avó que também sentiram e compreenderam este momento.

Gratidão pela querida amiga Lorete Mattos, que me deu incentivo e apoio na elaboração desta dissertação, com as suas referências, e por ser a responsável por me envolver com a área de conservação.

Gratidão pela minha família da Biblioteca da Fabico pelo apoio neste percurso.

Gratidão pelos professores do PPGMusPa que me apresentaram esta nova área, a Museologia, um novo horizonte para mim.

Gratidão pela querida Fabico que faz parte da minha vida desde os 18 anos.

Gratidão pela UFRGS que me acolheu, há 38 anos atrás, e da qual pude usufruir como aluna de graduação, de especialização e agora de mestrado acadêmico.

Gratidão pelo ensino público, gratuito e de qualidade que a UFRGS oferece.

Gratidão para a querida amiga e orientadora, Jeniffer Alves Cuty, pela dedicação, paciência, generosidade e serenidade ao me conduzir neste trabalho.

Gratidão às queridas professoras Márcia Regina Bertotto e Marília Forgearini Nunes por aceitarem participar da minha banca.

Gratidão à professora Silvana Bojanoski, da UFPel, por também ter aceito fazer parte desta banca.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo propor uma metodologia para o estudo de valoração de acervo bibliográfico, enquanto patrimônio histórico, cultural e científico de uma instituição universitária, discutindo as teorias sobre valor aplicadas a esses acervos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois a experiência da autora é relevante para o aprofundamento e a compreensão dos significados, crenças, valores e atitudes em relação aos processos ou fenômenos estudados. Para situar a pesquisa e o desenvolvimento da reflexão sobre o conceito de valor em coleções, a Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu, será utilizada como forma de abordagem, pois pode fornecer elementos para a análise do contexto histórico, social e político no qual essas obras foram geradas. A ênfase da pesquisa está direcionada à Coleção Histórica de uma biblioteca universitária, identificando valores através do resgate da memória de professores e pesquisadores dos campos da Comunicação e da Informação. Com as informações coletadas durante o estudo, sobretudo por meio das narrativas obtidas por meio das entrevistas com os pesquisadores, pode-se obter um panorama específico da questão sobre atribuição de valor ao acervo de livros de uma biblioteca universitária, para verificar quais fatores podem ser levados em consideração, no momento de analisar os itens que compõem a coleção. Essa análise deverá considerar a importância da coleção para o desenvolvimento da área do conhecimento a que pertence, bem como para compor, de forma fundamentada e justificada, o patrimônio geral da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo impresso. Valoração de coleções. Patrimônio científico. Biblioteca universitária.

ABSTRACT

The aim of this research is to propose a methodology for the study of the valuation of bibliographic collection, as historical, cultural and scientific heritage of a university institution, discussing the theories of value applied to these collections. This is a qualitative research, because the author's experience is relevant to the deepening and understanding of meanings, beliefs, values and attitudes in relation to the processes or phenomena studied. To situate the research and development of the reflection on the concept of value in collections, Pierre Bourdieu's Field Theory will be used as a way of approach, since it can provide elements for the analysis of the historical, social and political context in which these works were generated. The emphasis of the research is directed to the Historical Collection of a university library, identifying values through the rescue of the memory of professors and researchers of the fields of Communication and Information. With the information collected during the study, especially through the narratives obtained through the interviews with the researchers, a specific overview of the issue of value assignment can be obtained from the collection of books of a university library to verify what factors may be taken into consideration, when analyzing the items that make up the collection. This analysis should consider the importance of the collection for the development of the area of knowledge to which it belongs, as well as to compose, in a justified and justified manner, the general patrimony of the institution.

KEYWORDS: Printed collection. Value of collection. Scientific heritage. University library.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	UNIVERSO DE PESQUISA E OBJETO DE ESTUDO	15
3	COLEÇÕES, VALORES E MEMÓRIA	21
3.1	VALORES EM COLEÇÕES	24
3.2	MEMÓRIA COLETIVA	38
3.3	O FAZER DO BIBLIOTECÁRIO E DO MUSEÓLOGO	41
4	PERCURSOS METODOLÓGICOS	48
5	DADOS E ANÁLISE DE PESQUISA	56
5.1	“A PESQUISA NÃO PODE SER LOCAL, ELA TEM QUE DIALOGAR”	59
5.2	A UFRGS NÃO ME QUERIA E EU NÃO ABANDONEI A UFRGS ATÉ HOJE”	61
5.3	“PENSAR EM DUAS ESFERAS DE VALORAÇÃO”	66
5.4	“RELAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM A TECNOLOGIA ISSO ME MARCOU BASTANTE”	69
5.5	COSTURANDO OS DADOS COLETADOS NAS ENTREVISTAS	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICES	
	APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE	86
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90

1 INTRODUÇÃO

Pensar em patrimônio histórico, cultural ou científico e verificar o tratamento que as instituições dispensam com a preservação dos seus acervos é preocupante e, ao mesmo tempo, desafiador para os profissionais que se dedicam a manter suas coleções em condições adequadas de conservação. Em geral, não se observa grande preocupação com a salvaguarda dos acervos no Brasil, como objetos de museus, coleções de documentos ou ainda acervos bibliográficos como livros e periódicos. As instituições em geral não conhecem em profundidade o conteúdo do seu patrimônio e, por esse motivo, não tratam adequadamente suas coleções com o cuidado e a atenção que merecem.

A responsabilidade das instituições em relação à preservação e ao conhecimento sobre o valor das suas coleções, pode servir como ponto de partida para a efetiva proteção desses acervos. A pesquisa sobre os acervos precisa estar no cotidiano das instituições, como uma prática responsável de conservação e intervenção no patrimônio.

A possibilidade de poder analisar com maior profundidade um acervo e identificar nele valor, face à noção de patrimônio material de uma instituição de ensino, com vistas à melhor gestão de seus acervos, permite reconhecê-lo como bem material valorável. A valoração do acervo, com base na sua unicidade ou ainda na sua relevância para a área, adverte à instituição sobre a importância de preservar seu patrimônio e assegurar sua continuidade para as futuras gerações de pesquisadores.

Para melhor compreender as relações de valoração nos acervos, vamos incitar a discussão teórica sobre as questões que envolvem o termo valor. Para isso, utilizaremos a abordagem da Axiologia, ramo da Filosofia que centra no estudo da natureza dos valores e juízos valorativos, e da dialética da valoração e da patrimonialização, aplicadas ao acervo bibliográfico.

A biblioteca universitária, local onde desenvolvo minha atividade profissional, é o fato motivador para o desenvolvimento deste estudo. A partir da participação no

projeto de pesquisa *Conservação Preventiva e Gerenciamento de Riscos em Acervos Museológicos, Arquivísticos e Bibliográficos*, desenvolvido na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2015, que possibilitou a aproximação com a metodologia do Gerenciamento de Riscos e o estudo aprofundado dos dez agentes de degradação do acervo no âmbito da Biblioteca da Fabico. Esse estudo resultou em um dossiê com a descrição e categorização da Biblioteca e do seu acervo, identificando, num exercício inicial, os itens mais importantes para a instituição, como parte da aplicação da metodologia de gerenciamento de riscos em acervos.

A convivência cotidiana com o acervo, há mais de 30 anos, impõe a necessidade de efetivamente conhecer o significado que esse conjunto de livros pode representar para o desenvolvimento das áreas de pesquisa que envolvem a Comunicação e a Informação, especificamente a área da Biblioteconomia, primeira área de constituição do acervo.

Buscar a identificação dos itens do acervo, no sentido da sua originalidade ou importância para o desenvolvimento dessas áreas, constitui-se em tarefa essencial para atribuição de valor e, por consequência, para atuar em relação à conservação e à manutenção dos exemplares. Estes itens serão os que vão “contar” a trajetória da área ou mesmo da instituição, oferecendo um panorama histórico do campo, recriando a época em que foram escritos.

A universidade, enquanto formadora de conhecimento, na perspectiva da construção da cidadania e na transformação social, tem o dever de atuar na preservação do seu patrimônio histórico, cultural e científico, incluindo aqui o acervo das suas bibliotecas, onde estão armazenados verdadeiros tesouros bibliográficos em matéria de pesquisa acadêmica. Nas bibliotecas universitárias, o acervo é considerado muito importante para o desenvolvimento dos cursos de graduação e pós-graduação, das atividades de pesquisa e de extensão da universidade. Em geral, esse acervo é corrente, ou seja, acervo de uso diário que não garante qualquer valor específico a não ser o seu valor de uso ou de utilidade para a comunidade acadêmica.

Passado algum tempo, o acervo considerado corrente, altera-se juntamente com o desenvolvimento das áreas e das pesquisas, não sendo mais utilizado com

regularidade. Esse acervo é patrimônio da instituição, ele teve sua importância e deixa de tê-la no momento em que é substituído por obras publicadas mais recentemente, acompanhando assim o progresso da ciência.

Nos acervos reside a história das áreas do conhecimento e das instituições e é nas bibliotecas que os usuários têm acesso ao conjunto de informações que vai permitir desenvolver e ampliar sua cultura e seu conhecimento. O acervo bibliográfico, em geral, é utilizado pelos usuários das bibliotecas de forma intensiva. Esse uso nem sempre é orientado no sentido da preservação do suporte material de cada item, o que dificulta a manutenção dos exemplares.

O que fazer com esse acervo que não é mais utilizado? Ele perdeu sua importância definitivamente? Apesar de não ser mais utilizado ele possui algum valor? O que a instituição poderá fazer para manter esse acervo ou ela deve simplesmente se desfazer dele? Sabendo que o livro impresso é considerado patrimônio, não se pode simplesmente se desfazer do item sem ao menos abrir um processo que percorre todas as instâncias burocráticas da instituição para obter a autorização de eliminá-lo. Por isso, uma análise pormenorizada dos itens que compõe o acervo é fundamental para que se possa avaliar e atribuir o valor que cada um possui no desenvolvimento das áreas do conhecimento a que estão vinculados.

Na metodologia de gerenciamento de riscos, conhecer o valor da coleção¹ se constitui em uma etapa fundamental, pois é a partir desse processo que se define estratégias de conservação e preservação do acervo, no sentido de indicar quais itens terão prioridade no processo de manutenção e salvaguarda da coleção. A metodologia trabalha com o conceito de perda de valor dos itens submetidos aos agentes de degradação do acervo.

Desta forma, sendo essa etapa um momento de parar e olhar profundamente para o acervo, sua constituição, sua história, sua trajetória, optamos por estudar essa metodologia para propor um modelo de valoração de acervo para

¹ A valoração, pela experiência de observação em museus locais, não é comum nas instituições museológicas, as quais ou a desconhecem como metodologia de trabalho ou não conseguem operar com esse instrumento primordial de trabalho. Algumas pesquisas que abordam a valoração em acervos museológicos foram desenvolvidas e apresentadas em 2012 numa iniciativa do Programa IBERMUSEUS – Seminário Oficina em Valoração de Acervos Museológicos, em Brasília, DF

bibliotecas, pois essa etapa é melhor desenvolvida no âmbito das coleções de museus.

Na ausência de uma política que estabeleça parâmetros mínimos para a identificação de obras raras, históricas ou valiosas e da inconsistência na definição de termos, adotaremos o termo “obras históricas” para identificar as obras que serão consideradas importantes para as áreas deste estudo. Obras históricas diluídas no acervo geral com empréstimo regular e sem cuidados de preservação são itens fadados ao desaparecimento. A criação de uma coleção específica - com regras de circulação mais específicas ainda, tratamento técnico e segurança adequados - possibilita uma expectativa de maior durabilidade desta coleção.

Elaborar critérios para identificar o acervo como patrimônio institucional e, posteriormente, separar da coleção geral esses itens visando sua melhor preservação, através do armazenamento e da conservação adequados, garantirá o acesso a futuros pesquisadores. Estes critérios, devidamente alicerçados em conceitos sólidos, poderão servir como base para outras bibliotecas, pois serão de certa forma, validados através da memória dos pesquisadores e dos professores das duas áreas de formação do acervo, Comunicação e Informação.

O objetivo geral desta pesquisa é propor uma metodologia para o estudo de valoração de acervo bibliográfico, enquanto patrimônio histórico, cultural e científico da Universidade.

Os objetivos específicos são:

- a) Discutir as teorias sobre valoração de acervos;
- b) Analisar a valoração de acervo bibliográfico através da Coleção Histórica de uma biblioteca universitária;
- c) Identificar valores através do resgate da memória coletiva em relação aos campos da Comunicação e da Informação.

Com base nestes aspectos, podemos indagar, então,

Quais as possibilidades metodológicas para um estudo de valoração de acervo bibliográfico, enquanto patrimônio histórico, cultural e científico da Universidade?

Esta pesquisa está estruturada da seguinte forma, a partir da Introdução: na primeira seção será apresentado o universo de pesquisa, ou seja, as informações sobre a Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em relação a sua constituição e ao seu acervo, detalhando dados em relação aos estudos que já foram feitos em relação à atribuição inicial de valores ao seu acervo, como piloto do Projeto de Pesquisa *Conservação Preventiva e Gerenciamento de Riscos em Acervos Museológicos, Arquivísticos e Bibliográficos* bem como a constituição de uma coleção especial denominada Coleção Histórica.

Na segunda seção está delineada a construção teórico-metodológica, na qual são abordados temas que são importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, como origem das coleções através dos tempos, tanto em bibliotecas como em museus, aspectos teóricos existentes na literatura a respeito de valores em acervos de museus e bibliotecas, percepções sobre o fazer do/a bibliotecário/a e do/a museólogo/a buscando uma aproximação entre as atividades e as questões sobre a memória coletiva como metodologia de pesquisa.

Na terceira seção, estão apresentados os percursos metodológicos da pesquisa com a descrição detalhada da metodologia utilizada na abordagem do tema.

Na quarta seção são apresentados os dados coletados a partir das entrevistas realizadas com pesquisadores das áreas a respeito das suas percepções sobre o valor do acervo existente na Biblioteca em relação a sua área de pesquisa e a análise destes dados em relação ao tema da pesquisa.

Na quinta seção, considerações finais, serão abordadas as questões finais do resultado desta pesquisa e as conclusões a que se pode chegar a partir dos estudos realizados. Buscamos apontar possibilidades de continuidade da pesquisa e desdobramentos no âmbito da Museologia, da Biblioteconomia, da Ciência do Patrimônio, da Ciência da Informação, das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em linhas gerais.

2 UNIVERSO DE PESQUISA E OBJETO DE ESTUDO

A Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) iniciou suas atividades em 29 de setembro de 1959, na então Escola de Biblioteconomia e Documentação junto à Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Em 23 de agosto de 1966, com a autonomia da Escola de Biblioteconomia, desvinculando-se administrativamente da Faculdade de Ciências Econômicas, a Biblioteca passou a existir de fato, mesmo que ainda instalada no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas e Administração, contigua à Biblioteca daquela Faculdade.

Com o advento da reforma universitária de 1968², o curso de Biblioteconomia, oriundo da então Faculdade de Ciências Econômicas e Administração e o curso de Jornalismo, proveniente da então Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras unem-se, formando a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Fabico, ocupando a sede atual.

Em 1972, a Biblioteca foi instalada no quarto andar do então novo prédio sede, onde permanece até hoje, sendo seu acervo constituído pelas partes respectivas do acervo da Biblioteca da Faculdade de Economia e da Biblioteca do Curso de Filosofia. No decorrer das décadas seguintes, a Biblioteca passou por diversas mudanças de espaço físico, *layout*, equipe, mas também na qualidade de seu acervo bem como em seus serviços e produtos.

O espaço ocupado pela Biblioteca não foi planejado para essa finalidade, sendo adaptado, no decorrer dos anos, conforme a necessidade de crescimento do acervo. Desta forma, em 1986, quando da primeira ampliação do espaço, foram a ele agregadas duas áreas de uso comum do prédio (banheiros masculino e feminino) e a área de circulação (corredores), além de duas salas de aula. Assim a área da Biblioteca passou de 130m² para 311,84m² ocupando as alas leste, oeste e sul do prédio.

² Decreto nº 62.997, de 16 de Julho de 1968. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62997-16-julho-1968-404329-publicacao-1-pe.html>. Acesso em: 12 ago. 2018.

A distribuição desse espaço foi se dando de acordo com a necessidade e com a disponibilidade de recursos da época. Em 2003, a Biblioteca solicitou autorização ao Departamento de Biblioteconomia para ocupar mais um espaço do andar - a sala destinada a abrigar o Laboratório de Conservação e Restauro do Curso de Biblioteconomia, que não estava sendo utilizada. Assim o espaço passou a ser utilizado como oficina de pequenos reparos, onde são executadas as atividades referentes à manutenção e à conservação do acervo, hoje o Setor de Conservação de Acervo da Biblioteca.

A partir de 2006, a Biblioteca passou a adotar uma linha de trabalho voltada para a prevenção, de forma que todo e qualquer material que venha a ser incorporado ao acervo, passe pelo Setor de Conservação para ser preparado de forma a resistir ao uso contínuo e permanecer por mais tempo sem sofrer qualquer tipo de intervenção na sua estrutura física.

No momento presente, com uma expansão significativa na sua área total, anexando ao seu espaço, outras três salas, a Biblioteca pode oferecer um ambiente de consulta e estudo para os usuários, além de uma sala específica para abrigar o acervo histórico, passando para uma área total de 469m².

O acervo da Biblioteca está composto basicamente de material impresso das áreas específicas dos seis cursos de graduação (Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Jornalismo) e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, em Ciência da Informação e em Museologia e Patrimônio. Além do material impresso, também estão presentes no acervo, materiais e mídias especiais como CDs, DVDs, microfilmes, microfichas e documentos eletrônicos.

Outras áreas complementares também se encontram representadas no acervo. São elas: Administração, Cinema, Filosofia, Fotografia, História, Literatura, Marketing, Metodologia da Pesquisa, Semiologia, Sociologia, Turismo, entre outras.

O acervo impresso é formado por livros, periódicos, teses, dissertações, folhetos. Atualmente conta com 17 mil títulos de livros (32 mil volumes), 537 títulos de periódicos, 682 teses e dissertações impressas distribuídos nas áreas de abrangência da Biblioteca.

As coleções estão armazenadas em estantes de aço, face dupla, de acesso livre aos usuários, estando separados por tipo de material: livros, periódicos, livros de referência, periódicos de referência, teses e dissertações, trabalhos de conclusão de curso impressos. Em arquivos de aço, de pastas suspensas, encontra-se a coleção de folhetos, também de acesso livre aos usuários. Em um armário de aço, fechado, no balcão de atendimento, encontram-se os CDs e DVDs.

Os itens, tanto de livros quanto de periódicos, considerados de pouca consulta ou de caráter histórico, foram retirados do acervo geral e dispostos em uma sala denominada inicialmente de *reserva técnica* ou *depósito*. Nesse ambiente foram armazenados livros e periódicos, em estantes de aço, face simples, ao longo das paredes. Os livros estão em ordem de classificação, como no acervo geral, e a coleção de periódicos, em ordem alfabética de título e cronológica, devidamente acondicionados em pacotes de papel neutro e com a indicação do título e período da coleção. Os jornais ou revistas, de caráter histórico, foram acondicionados em pastas e caixas de polionda e devidamente identificados. Esses itens não estão disponíveis para empréstimo, somente para consulta eventual e mediante solicitação.

Ainda existe parte desse material armazenado junto ao acervo corrente, aguardando nova avaliação ou desbastamento.

Essa coleção seria denominada *Coleção Histórica* contendo publicações relevantes para as áreas da Arquivologia, Biblioteconomia, Comunicação e Museologia, que tratam sobre a evolução dos estudos destas ciências numa época específica.

Em um esforço conjunto, a equipe de bibliotecários elencou alguns aspectos a considerar na seleção dos itens, que sairiam do acervo corrente, para compor a *Coleção Histórica*.

Os critérios inicialmente estipulados foram os seguintes:

- a) publicações de autores conceituados das áreas;
- b) publicações históricas da Faculdade;
- c) materiais de divulgação ou informativos produzidos no âmbito da Faculdade, por alunos e/ou professores;

- d) a produção intelectual do corpo docente e técnico da Faculdade;
- e) trabalhos de conclusão dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade (TCCs, dissertações e teses);
- f) coleção de convites de formatura dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Comunicação;
- g) coleção da revista em quadrinhos *Tintin*;
- h) coleção de jornais e revistas considerados históricos por sua pequena circulação ou por se tratar de marcos do jornalismo brasileiro.

Outros itens foram agregados pelo seu caráter histórico e de relevância para as áreas e foram pesquisados em acervos de outras bibliotecas, arquivos e museus no Brasil. São eles:

- a) itens oriundos dos acervos da Biblioteca de Ciências Econômicas e da Biblioteca do Instituto de Filosofia da URGs, que deram origem ao acervo da Biblioteca da Fabico;
- b) itens com *ex-libris* – anteriores a década de 1960;
- c) itens com dedicatória à Biblioteca – anteriores a década de 1960;
- d) itens referentes às principais área de abrangência da Biblioteca anteriores a década de 1970;
- e) produção intelectual da instituição³ – teses, dissertações, TCCs, relatórios, cartazes, etc. não disponíveis *online* no Repositório Digital da Universidade (Lume/UFRGS) e anteriores a década de 1980;
- f) obras que tenham como temática a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) ou o *campus* em que está inserida.

As instituições pesquisadas, além da UFRGS, foram: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Fundação Universidade do Rio Grande

³ A produção intelectual corresponde aos documentos de conteúdo científico, técnico, artístico e administrativo produzidos no âmbito da UFRGS ou por integrantes do seu corpo docente, técnico-administrativo e discente (desde que orientado por docentes ou técnico-administrativos que possuam vínculo ativo com a UFRGS). Segundo documento *Políticas e Procedimentos do SBUFRGS*, disponível em: <https://plone.ufrgs.br/documenta/manuais-sabi/politicas-e-procedimentos/registro-de-producao-intelectual/introducao>. Acesso em: 25 maio 2019.

(FURG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Fluminense (UFF). Do resultado da pesquisa, obteve-se um resultado que indica que a Biblioteca tem em seu acervo itens que não foram localizados em outras bibliotecas de instituição pública ou privada de ensino, das áreas específicas do acervo.

Esses itens, inicialmente serão considerados de grande valor, seja pela sua ausência em outras bibliotecas ou arquivos, seja pelo caráter histórico do seu conteúdo, relevante para o desenvolvimento ou estudo da área do conhecimento em questão.

Assim, diante do conjunto geral do acervo da Biblioteca, podemos inferir que um percentual desse acervo, pode ser considerado muito relevante ou valioso sendo considerado como importante na análise da valoração da coleção.

A Biblioteconomia por representar a área mais antiga das três áreas da Ciência da Informação, possui maior acervo e de maior valor. As duas áreas Arquivologia e Museologia, por se constituírem em cursos relativamente recentes, com menos de 20 anos de existência na instituição, ainda estão na fase de formação de acervo. Ainda assim, as publicações foram levantadas para avaliação.

A partir de uma visão detalhada da formação e composição do acervo da Biblioteca, se destacou itens que foram inicialmente tratados como tendo alguma relevância histórica para as áreas dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Comunicação da Faculdade.

Foram estabelecidos critérios para determinar quais itens seriam armazenados em outro ambiente, a fim de gerar uma nova coleção na Biblioteca, a Coleção Histórica (**Coleção H**), que recebeu tratamento técnico e espaço físico diferenciado, para sua melhor preservação e segurança, já que não possuem grande fluxo de uso e que despertariam interesse apenas de pesquisadores específicos.

Esta coleção foi formada, inicialmente, com os livros da área da Biblioteconomia, oriundos dos primórdios do curso nos anos 1947. A partir da

separação do curso de Jornalismo dos cursos de Filosofia e Sociologia, em 1970 foram agregados também a este acervo os livros do curso de Jornalismo. A partir da formação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) nos anos 1970, o acervo foi crescendo à medida que novos cursos eram criados. Atualmente são seis cursos de graduação nas áreas de Ciência da Informação e Comunicação e três de pós-graduação, Comunicação, Museologia e Patrimônio e Ciência da Informação.

Assim como outras coleções existentes na Biblioteca, a Coleção Histórica foi formada a partir da identificação de alguns aspectos que, no olhar da equipe de bibliotecários, pareceu importante, no que se refere ao resgate histórico de formação da área de conhecimento e por ser, de certa forma, único em relação à presença e disponibilidade em outras instituições de ensino ou pesquisa.

O termo **histórico**, para reunir essa coleção, pareceu mais abrangente, consistente e de melhor delimitação semântica para as necessidades da Biblioteca, tendo em vista que as obras que farão parte desta coleção compreendem: livros, periódicos, relatórios institucionais, produção intelectual dos professores e técnicos-administrativos da instituição, entre outras obras que fazem parte da história da Faculdade ou do desenvolvimento das áreas do conhecimento atendidas pela Biblioteca, além das obras de relevância por seu caráter de antiguidade, pela beleza e qualidade do projeto gráfico-editorial ou unicidade em relação a outras bibliotecas do Brasil que abrigam acervo da mesma área.

A Biblioteca pretende preservar seu acervo, através desta coleção específica, visando estabelecer os critérios para futuras incorporações, o que qualificará o processo de desenvolvimento da coleção.

3 COLEÇÕES, VALORES E MEMÓRIA

A necessidade de colecionar, eleger, reunir e guardar objetos se constitui numa prática comum na formação da civilização humana. Não só objetos, mas também os registros do conhecimento, apresentados tanto em placas ou tabletes de argila como em rolos de pergaminho, o que equivaleria a nossos livros hoje em dia, eram mantidos em grandes salões de acesso a poucos privilegiados.

As bibliotecas, desde os primórdios da humanidade, são as responsáveis pelo armazenamento e preservação dessas coleções que trazem no seu interior registros do conhecimento produzidos pelo homem. Essas coleções eram privadas, de propriedade da realeza, do clero e das classes mais abastadas. Muitas eram originárias de saques de guerra de outras regiões, povoados.

Conhecidas como **Casas da Sabedoria**, as bibliotecas se mantinham como verdadeiros depósitos de livros. Dessas, a Biblioteca de Alexandria foi a que mais permaneceu, durou sete séculos, armazenando o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade. Localizada no *Mouseion* – Templo das Musas – ambiente dedicado aos altos estudos e aos ilustres pesquisadores e intelectuais da época. As condições de armazenamento eram precárias e as coleções permaneciam empilhadas umas sobre as outras. (POMIAN, 1984).

No *Mouseion*, a ideia de cultura e a distinção das pessoas que frequentavam tal ambiente, deixava claro o propósito das coleções “[...] acumular objetos para os expor ao olhar. Ainda que não tenham qualquer utilidade [...]” (POMIAN, 1984, p. 52).

Na definição de coleção, Pomian destaca: “[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.” (POMIAN, 1984, p. 53).

Por essa definição, não somente os museus satisfazem essa condição, mas também as bibliotecas e os arquivos, segundo o autor, ressaltando que, no caso das bibliotecas, os livros, considerados como objetos, podem ser considerados como

parte de uma coleção desde que desempenhe sua função como a de arquivo no sentido de “[...] pôr em segurança, recolher, classificar, conservar, guardar e tornar acessíveis os documentos que tendo perdido sua antiga utilidade, [...] merecem ser preservados.” (BUCHASLKI; KONARSKY; WOLFF, 1952 *apud* POMIAN, 1984, p. 53).

Pomian ressalta o fato das coleções abrigarem objetos que estejam temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas e o fato de estarem submetidas a uma proteção especial, sendo assim consideradas como preciosas. O valor que é atribuído a esse tipo de objeto revela que possui somente o valor de troca e não valor de uso, uma vez que serão somente submetidos ao olhar do visitante, e não ao seu uso efetivo. (POMIAN, 1984).

Nas coleções particulares, os objetos são fonte de prazer estético, segundo o autor, pois permitem adquirir conhecimentos históricos ou científicos e o fato de os possuir confere prestígio a quem as adquiriu além de conferir ao proprietário curiosidade intelectual, riqueza e generosidade. Nessa lógica, as pessoas buscam adquirir objetos, muitas vezes através de sacrifícios, ou simplesmente para observá-los, ocasionando uma procura por objetos que vai interferir diretamente no seu valor, criando um mercado. (POMIAN, 1984).

Transportando para os dias atuais, os objetos ou, no caso em estudo, os livros, que foram testemunhos de um evento histórico, ou que pertenceram a algum vulto político, intelectual ou acadêmico, com qualquer marca de sua propriedade, podem adquirir um valor diferenciado dos demais livros pertencentes a um acervo. Essa distinção e essa memória que traz para a atualidade serve de testemunho de um tempo que se foi, tornando-o diferenciado perante os demais itens da coleção.

Cabe ressaltar aqui a observação de Walter Benjamin em relação aos colecionadores de livros quando sugere que “[...] seria interessante estudar o colecionador de livros como o único que não necessariamente desvinculou seus tesouros de seu contexto funcional”, ou seja, os objetos dessa coleção não estão fora do seu contexto, como acontece com os objetos musealizados. (BENJAMIN, 2006, p. 241).

As bibliotecas universitárias, em geral, armazenam acervo impresso, de forma cumulativa, com base em critérios como: relevância para a área de abrangência do acervo, menção em bibliografias dos planos de ensino dos cursos de graduação, sugestão de professores e demais membros da comunidade acadêmica.

Esse acervo se constitui em geral de obras em suporte de papel, cuja preservação se torna relativamente complexa por não se ter ambientes adequados de armazenamento e por se constituírem em materiais passíveis de empréstimo domiciliar, o que os expõe a prováveis danos em função do uso contínuo, aos riscos de destruição e degradação causados por variáveis como temperatura e umidade relativa do ar, vandalismo, roubos, poluentes, agentes biológicos entre outras.

Em um acervo de mais de 30 mil exemplares de livros, que foi se constituindo em sessenta anos de existência da Biblioteca, juntamente com outros materiais como periódicos, teses, dissertações, documentos eletrônicos em geral, CDs, DVDs, identificar as obras que, por suas características físicas ou de conteúdo, podem se constituir em unidades de valor, é uma atividade complexa que exige conhecimento profundo das áreas de concentração e de formação desse acervo, no decorrer da sua história.

As unidades do acervo (livros e periódicos) em geral, são consideradas em relação ao seu valor de aquisição (valor de mercado), mas não em relação a outros aspectos específicos de cada obra, tais como: unicidade, projeto gráfico e editorial diferenciado e inovador, edições limitadas, numeradas ou personalizadas; limite histórico, definido pelas características artesanais ou pelo relato de uma época específica; autores, editores, impressores, tipógrafos e livreiros célebres; ineditismo do assunto à época em que foram abordados; carência de novas edições de obras muito solicitadas; importância histórica de edições comemorativas ou contemporâneas de acontecimentos de relevância histórica, entre outros.

Traçando um paralelo com os museus, em relação à formação das coleções, as bibliotecas mantêm registros dos seus itens, de forma específica, informando dados referentes à forma de aquisição (compra, doação ou permuta), data, preço, identificação do fornecedor (pessoa física ou empresa), entre outros. Dados esses que também estão presentes nas fichas de registro de peças dos museus, além de

informações referentes às especificidades de cada objeto. Existe uma intenção semelhante em registrar formalmente a descrição dos itens que compõem as coleções de cada um.

A inexistência de programas específicos de preservação de acervos impressos tem determinado o descarte indiscriminado de partes dessas coleções, embora tenham algum valor histórico ou de uso que justifique sua preservação. A falta de espaço físico também costuma ser o principal fator de eliminação de obras antigas e de baixo uso, pois uma coleção em crescimento contínuo privilegia sempre obras mais atualizadas.

3.1 O VALOR NAS COLEÇÕES

Para a maioria das instituições, grande parte dos seus acervos bibliográficos e arquivísticos não possui valor permanente. Eles são de interesse atual e devem ser protegidos contra a deterioração e contra os danos a fim de manter sua utilidade durante o maior período de tempo possível. Verificar se a coleção ou o item tem ou não valor intrínseco, determinando seu valor enquanto artefato ou então seu valor monetário, associativo ou simbólico, torna-se essencial para a definir as prioridades na escolha dos tratamentos adequados de conservação.

Segundo o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

o patrimônio material [...] é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza [...] arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. [...] divididos em bens imóveis [...] núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, **bibliográficos**, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (INSTITUTO..., c2014, grifo nosso).⁴

O acervo bibliográfico, considerado como patrimônio material da instituição, deve ser constantemente avaliado e analisado nos seus aspectos de preservação, conservação, conteúdo histórico e de memória da área do conhecimento a que está vinculado. Ao conhecer profundamente os itens que compõem o acervo, assim como

⁴ Documento eletrônico.

o seu contexto, pode-se efetivamente verificar sua importância para a instituição. Importância essa que será representada individualmente pelo valor que é atribuído ao item ou pelo conjunto de itens que formam a coleção, devidamente reconhecido pela comunidade ou sociedade sendo, portanto, passível de ser transmitido e conservado para acesso às gerações futuras.

De acordo com Lorete Mattos,

Nosso patrimônio cultural mais importante está, em geral, aos cuidados do Estado que deveria atuar como fiel depositário e zelar pelos bens que pertencem a todos nós, mas nem sempre esta é a realidade. Quando a direção de instituições encarregadas da guarda e conservação de patrimônio é ocupada politicamente por burocratas alheios às intrincadas questões que atravessam esta atividade, cria-se uma condição de alto risco para a manutenção de sítios e coleções. (MATTOS, 2018, p. 368).

Entretanto, segundo Silvana Bojanoski, “[...] a noção de patrimônio é mais abrangente do que o colecionismo de objetos, uma vez que atualmente incorpora inúmeros outros bens, como os monumentos, os conjuntos arquitetônicos, os sítios arqueológicos, as paisagens.” (BOJANOSKI, 2018, p. 28).

Maria Cecília Londres Fonseca aponta a preocupação da Unesco com a ampliação da noção de patrimônio, desenvolvendo iniciativas para a valorização e preservação dos bens imateriais e naturais da humanidade (FONSECA, 1997).

Desta forma, valorar um acervo se constitui numa tarefa extremamente complexa, uma vez que atribuir valor a algum material se torna quase que uma questão subjetiva, estando invariavelmente ligada à opinião ou visão de quem está fazendo a avaliação. Para minimizar esta subjetividade, o estabelecimento de critérios para valorar acervos se torna uma estratégia necessária, que, para Jeniffer Alves Cuty, “[...] perpassa pela identificação de tendências e estilos de conservar de forma preventiva e restaurar bens culturais, ou seja, analisar ações objetivas sobre objetos, documentos, lugares para desvendar intenções técnicas e políticas de preservação.” (CUTY, 2010, p. 130).

Segundo Miguel Reale “se suprimirmos a ideia de valor, perderemos a substância da própria existência humana.” (REALE, 2007, p.26).

Muitos autores tratam do assunto, atribuindo classificações e categorias de análise ao definir e conceituar a palavra “valor”, que podem ser aplicados em diversas situações e para diversos tipos de materiais.

No empenho de se chegar a uma metodologia de valoração que se adapte ao acervo bibliográfico impresso, será necessário percorrer o caminho das definições e das teorias sobre o termo, buscando nos autores que tratam do assunto, um suporte teórico apropriado.

O historiador de arte, Alois Riegl, em sua obra *O Culto Moderno dos Monumentos*, publicada originalmente em 1903, analisou as razões pelas quais o patrimônio é valorizado, identificando e sistematizando os diferentes valores contidos nas obras de arte e nos monumentos. O autor traz a ideia de evolução e imortalidade de um acontecimento para identificar o valor histórico de um monumento, por ele definido como “[...] uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos.)” (RIEGL, 2016, p. 31).

Para Riegl, todo o valor é dado pelo indivíduo sendo, portanto, subjetivo. O valor histórico, para ele, é o mais abrangente e trata de tudo o que foi e não poderá voltar a ser. Tudo o que foi, forma o elo insubstituível e irremovível de uma corrente de evolução, sendo a evolução o ponto-chave de todo o conceito histórico moderno. Representa um estágio evolutivo de um domínio qualquer da atividade humana. Trata-se, nesse caso, de um valor objetivo. (RIEGL, 2016).

O valor histórico, na concepção de Riegl, é o mais abrangente, tanto maior quanto mais puramente se revela o estado original e acabado do monumento, tal como se apresentava no momento de sua criação. (RIEGL, 2016).

Ao analisar os valores atribuídos historicamente aos monumentos, estabeleceu uma diferença entre produções intencionais e não intencionais. As produções intencionais têm, por atribuição, lembrar um determinado momento do passado. As produções não intencionais têm sua importância e o seu significado definidos pelo sujeito. Em ambos os casos, a obra interessa em sua forma original, sem mutilações, na forma pela qual se tenta reconstruí-la pelo olhar ou pelo

pensamento através de imagens ou de palavras. No primeiro caso, o valor de memória é concedido pelo autor; no segundo, é atribuído pelas pessoas. (RIEGL, 2016).

O autor define duas tipologias gerais de valor: valor de memória e valor de atualidade, que também se subdividem em outras categorias mais específicas. O valor de memória, que se refere à representação de uma obra através do tempo, da origem ao tempo presente, se divide em outras três categorias: valor de antiguidade, valor histórico e valor de memória ou de comemoração. Já o valor de atualidade, que se refere ao valor que a obra possui apenas por ser novidade, também chamado por Riegl de elementar, divide-se em outros dois tipos de valores: valor de uso ou de utilidade e o valor artístico ou valor de arte. (RIEGL, 2016).

A categorização e terminologia, descritas por Riegl, deram origem a uma vasta bibliografia sobre valores em patrimônio cultural. A tipologia ainda é estudada nos dias de hoje, mas existem outros autores que elaboraram tipologias diferenciadas e com embasamento mais genérico e não só se referindo a monumentos.

Para Cesare Brandi, a conservação, como primeiro grau da restauração preventiva, vai procurar manter o *status quo* da obra, no sentido da não intervenção direta, mantendo a vigilância conservativa para a consolidação da matéria. Conservação que deverá ser feita levando em consideração a sua instância histórica mais do que sua valoração atual. (BRANDI, 2008).

É a conservação que vai orientar a tomada de decisão para manter os objetos patrimoniais. Brandi delimitou o campo da conservação ao tratamento dos valores artísticos e históricos dos objetos, por meio da ação nos elementos materiais. Para ele, conservar significa tratar os valores dos objetos. (BRANDI, 2008).

A *Carta de Burra*, de 1980, afirma que o objetivo da conservação é preservar a significação cultural de um bem, direcionando a conservação para os valores do objeto, uma vez que a significação cultural se constitui no conjunto de valores ou significados atribuídos a um bem, tais como valor histórico, estético,

científico ou social. Todos tendo a mesma importância em relação às decisões de conservação. (CONSELHO..., 1980).

Segundo Silvio Mendes Zanchetti, a conservação está associada à manutenção das características físicas e materiais da obra, de forma que o seu valor possa ser plenamente apreciado, sem a perda do valor como objeto histórico. Está associada à permanência das qualidades estéticas, que são reinterpretações de cada época em relação aos padrões culturais vigentes. A conservação pode ser descrita por um conjunto de atos que compreendem a identificação, a análise, o julgamento e as decisões. Adverte que “Qualquer intervenção em um objeto patrimonial deve ser precedida de uma identificação das suas características e contexto e uma análise de valores.” (ZANCHETTI, 2014, p. 11).

Para Ballarti i Hernandez e outros, o valor é uma qualidade adicionada que os indivíduos atribuem a certos objetos que são merecedores de apreço. Segundo ele, a natureza humana é sensível a formas, texturas, cores, odores, em suma, às qualidades físicas diferenciadas dos objetos. O processo que deve seguir qualquer avaliação formal passa principalmente por atender a todo aquilo que objetivamente inquieta a percepção sensorial do observador (BALLARTI I HERNANDEZ *et al.*, 1996, p.219, tradução nossa).

Segundo Chris Caple, professor norte-americano da Durham University, especialista em conservação de artefatos, os valores podem ser agrupados em três categorias: os instrumentais, os simbólicos e os documentais. (CAPLE,⁵ 2000 *apud* ZANCHETTI, 2014).

Os valores instrumentais se referem ao desempenho do objeto na sociedade como um elemento funcional, ou seja, executa uma função necessária para que a sociedade se reproduza (CAPLE, 2000 *apud* ZANCHETTI, 2014).

Os valores simbólicos enfatizam os significados dos objetos. Eles dependem da cultura, passada e presente, e das relações sociais de uma comunidade. Tais valores assumem várias formas como valores artísticos, religiosos, de poder, de riqueza e os valores de status social. Não são valores permanentes e tem como uma

⁵ CAPLE, C. **Conservation skills**: judgement, method and decision making. London : Routledge, 2000. *apud* ZANCHETTI, 2014.

das formas mais poderosas o valor de troca, expressa em um valor monetário, que é uma manifestação da riqueza do proprietário. (CAPLE, 2000 *apud* ZANCHETTI, 2014).

Os valores documentais, segundo Caple, tratam da documentação da passagem do tempo histórico, ou seja, o passado dos objetos. Esses valores estão expressos nos signos do objeto e estão diretamente relacionados ao tempo histórico. São marcas de antiguidade pois atestam a veracidade da idade e da época histórica dos objetos, servindo como prova de autenticidade. (CAPLE, 2000 *apud* ZANCHETTI, 2014).

Em relação à conservação, os valores instrumentais, simbólicos e documentais possuem a mesma importância. Na análise da relevância do objeto é que o conservador vai definir a ênfase dos valores a serem tratados.

Lorete Mattos em relação a isto, destaca:

[...] a seleção do que poderá ou deverá ser conservado partindo do pressuposto que, uma vez que os bens culturais estão expostos a uma infinidade de agressores, o que chega aos nossos dias é uma fração, nem sempre íntegra, de elementos do passado. Elementos materiais que carregam valores que, por sua vez, lhes confere um significado. [...] a passagem do tempo altera o significado dos bens e, embora tenhamos o suporte material, não teremos mais a percepção do seu significado tal como era percebido por seus contemporâneos. (MATTOS, 2018, p. 374).

Em se tratando de acervo bibliográfico, o conceito de valor, tanto no seu aspecto econômico tangível - valor de reposição, valor de mercado, custos de aquisição, custos de restauração, valor de acesso (valor de fluxo), como no intangível ou simbólico - valor científico (valor de existência, valor educacional), valor histórico (valor de prestígio, valor de legado, herança), estado de conservação (valor da opção), pode ser apresentado a partir de diversas abordagens. Isto tudo, “[...] para encontrar um significado que faça com que aquele bem deva permanecer acessível às gerações futuras [...]”. (MATTOS, 2018, p. 367).

No que se refere à atribuição de valor a um acervo bibliográfico, tendo como base seus aspectos relevantes e sua importância para o desenvolvimento de uma área acadêmica, pode-se agregar a contribuição de Bernard Darras, ao se referir aos produtos culturais:

Na medida em que [...] produtos culturais são reproduzidos e difundidos eles perdem seu valor e são continuamente e incansavelmente substituídos por outros. [...] Bem mais tarde, quando alguns sobreviventes se tornarem raros e históricos poderão, graças a sua antiguidade, ser reciclados e conhecer um novo processo de valorização entrando no patrimônio das coleções. (DARRAS, 2009, p.27).

A partir dessa afirmação pode-se inferir que o livro, como produto cultural, sofre também esse processo de perda de valor conforme sua disponibilidade no mercado, ou, de forma inversa, quando ele terá uma valorização específica ao se tornar raro ou representante de um período histórico qualquer, se constituindo em patrimônio ou objeto de cobiça.

Sobre este aspecto, Bernard Darras afirma ainda que “[...] a extrema raridade ou preciosidade de certos objetos, ou a produção de objetos únicos ou a limitação na tiragem, leva a criar uma categoria de objetos excepcionais que escapam ao fluxo de mercadorias comuns para entrar na categoria de objeto de arte”, alertando para a maior importância ou maior valor que determinado objeto pode chegar, podendo se aplicar a livros, por apresentar tais características em relação ao seu meio de reprodução e/ou difusão. (DARRAS, 2009, p. 28).

Alguns aspectos, em relação a maior valoração de determinada produção cultural, são destacados por Bernard Darras:

A autenticidade, a espiritualidade, a singularidade, a originalidade, a unidade, a universalidade, a perenidade permitem hierarquizar a produção cultural em razão de graus de superioridade e inferioridade. Centrada nessa noção de patrimônio universal e sobre o poder criativo incorporado nas obras pelo gênio humano e sua cultura, as concepções da Unesco contribuíram para a universalização dessa visão de cultura. (DARRAS, 2009, p. 29).

Neste sentido, ter a consciência de que um acervo, seja de museu, seja de biblioteca, pode seguir a uma hierarquia em relação a sua originalidade, conforme apontada por Bernard Darras em relação à universalização da cultura.

A reflexão que nesse momento cabe fazer é se essas questões podem figurar como indicativos de determinada categoria de objetos no contexto geral de

um acervo. A cada coleção caberá a sua avaliação e um estudo elaborado sobre a origem, procedência, materialidade, propriedade e demais aspectos físicos de cada item, segundo os valores da cultura vigente, inserida social e historicamente.

Propondo uma reflexão a respeito da valorização de bens culturais e políticas de preservação, Jeniffer Alves Cuty pondera: “[...] ao conservar um objeto, um documento ou um acervo, o conservador está preservando sua informação e os valores a eles identificados.” (CUTY, 2010, p. 130).

Assim, caracterizar um acervo como Coleção Histórica, pressupõe um exame profundo nos itens que vão compor tal coleção, exigindo uma metodologia que possa envolver todas as características deste tipo de acervo, bem como uma revisão arqueológica da gênese dessas metodologias.

O crescimento contínuo do acervo impresso, em uma biblioteca universitária, tanto na quantidade de obras quanto de exemplares, aliado ao aumento gradativo da demanda pelo acesso, constitui grande desafio para a preservação para manter o acervo em condições adequadas de uso e de armazenamento.

Uma política de preservação de acervos, claramente expressa pela instituição, envolve uma criteriosa seleção dos itens que serão tratados no sentido de retardar ou estagnar os processos de degradação. A preservação considerada como um aspecto da gestão de acervos, segundo Sherelyn Ogden, assemelha-se a outros processos de decisão administrativa como a distribuição de recursos entre as atividades e funções mais importantes, de acordo com a ordem de prioridades na missão da instituição. (OGDEN, 2001).

A autora acrescenta que a preservação do acervo de uma instituição pode ser dividida em duas categorias, a **preservação preventiva** que vai focar na deterioração dos acervos, em relação a sua integridade, e as medidas corretivas de preservação, utilizadas para remediar a deterioração física ou química; e a **preservação corretiva**, que consiste na utilização intensiva de mão-de-obra e exige a atuação de profissionais qualificados. (OGDEN, 2001).

O termo preservação, mencionado por Sherelyn Ogden, foi atualizado a partir da XV Conferência Trienal do *International Council of Museums - Committee of*

Conservation (ICOM-CC), em Nova Deli, no ano de 2008, na qual se definiu que os termos **conservação-restauração**, **conservação preventiva**, **conservação curativa** e **restauração** serão utilizados ao se referir ao patrimônio cultural tangível. Desta forma, **conservação** diz respeito a “[...] todas as medidas e ações que visam salvaguardar o patrimônio cultural tangível, garantindo a sua acessibilidade às gerações presentes e futuras.” Ela compreende a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. Todas estas medidas e ações devem respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural. (INTERNATIONAL..., 2008)⁶.

Para desenvolver um planejamento de preservação, deve ser considerada a extensão e o conteúdo do acervo, para determinar o seu valor. E, no decorrer deste processo, segundo a autora, “[...] se percebe que para a maioria das instituições grande parte do seu acervo não tem valor permanente.” Em geral se constituem em obras de interesse atual e devem ser protegidas contra a deterioração e os danos a fim de se manter sua utilidade durante o maior tempo possível. Verificar se a coleção ou o item tem ou não valor intrínseco é necessário, para determinar seu valor enquanto artefato ou então seu valor monetário, associativo ou simbólico. (OGDEN, 2001, p. 10).

Segundo Willi Gonçalves e outros, a valoração de acervos se constitui em processo essencial para o gerenciamento de riscos e servindo também como critério importante para o estabelecimento de prioridades na implementação de medidas para reduzir os riscos. (GONÇALVES; ARAÚJO; FERREIRA, 2012).

Silvana Bojanoski, pesquisadora da área de Conservação, ao abordar a questão da preservação de materiais bibliográficos e documentais, em bibliotecas e arquivos, e a forma de acesso a esses materiais, considera que

[...] os acervos com características informacionais pressupõem que [...] serão disponibilizados e, em sua grande maioria, serão consultados e manuseados diretamente pelos usuários. Isso faz com que as instituições, dependendo de suas missões e públicos, desenvolvam várias estratégias de preservação, dentre as quais a microfilmagem ou digitalização dos seus acervos. Desta forma, a Conservação dos acervos bibliográficos e documentais é uma das etapas, dentro de uma política de preservação que engloba várias outras ações para prolongar a vida e dar acesso aos

⁶ Documento eletrônico.

conteúdos informacionais dos vários suportes que constituem os acervos de bibliotecas e arquivos. A inserção da Conservação dentro de um âmbito maior estabelecido pelas políticas de preservação é uma característica das instituições que têm sob sua guarda os acervos informacionais. (BOJANOSKI, 2018, p. 79).

Em relação à valoração das coleções em bibliotecas, afirma: “[...] nas bibliotecas, [...] os itens que formam as suas coleções podem adquirir diferentes valores, definidas por suas missões e público a ser atendido.” (BOJANOSKI, 2018, p.79).

Gaël de Guichen, referência na conservação preventiva de bens culturais, contribuindo decisivamente para a afirmação da área como matéria disciplinar, ressalta que a conservação preventiva abrange um campo mais amplo e envolve, acima de tudo, uma profunda mudança de mentalidade na gestão do patrimônio, expandindo seu conceito para o seguinte:

É a concepção, coordenação e implementação de um conjunto de estratégias sistemáticas, organizado no tempo e no espaço com uma equipe interdisciplinar com o acordo e a participação da comunidade, a fim de preservar e divulgar a memória coletiva hoje e protegendo-a para o futuro, a fim de fortalecer a identidade cultural e elevar a qualidade de vida. (GUICHEN, 2009, p. 42, tradução nossa).

Segundo Hollós e Pedersoli Jr., “[...] um processo de seleção de prioridades em preservação deveria discutir, no mínimo, quatro questões centrais: a questão do conhecimento; a questão do sujeito; a questão do poder; a questão dos valores.” (HOLLÓS; PEDERSOLI JR., 2009, p. 74).

A questão do conhecimento envolve a transmissão cognitiva, ou à teoria do conhecimento, no que se constitui em conhecimento válido ou verdadeiro. Em relação à preservação, o conhecimento estaria associado à informação sobre o acervo e ao seu contexto físico, local, regional, nacional.

A esse respeito, Tomaz Tadeu da Silva esclarece:

Conhecer é atribuir sentido, dar peso, valorar. O conhecimento não existe num campo neutro, num campo livre de forças. Por isso, o conhecimento não está simplesmente ali (empirismo, positivismo) ou lá (metafísica, transcendentalismo): o conhecimento é posto, imposto – ali ou lá. Dar sentido, valorar – conhecer – são atividades que exigem, implicam a aplicação de forças. (SILVA, 2002, p. 39).

A questão do sujeito se relaciona a todos os atores envolvidos com o acervo, desde o Diretor da instituição até aqueles que atuam nas atividades de higienização, segurança, portaria. Como essas pessoas se relacionam com o acervo, o que sabem sobre ele e suas características.

A questão do poder envolve as relações de poder, seguindo a lógica, a hierarquização das relações nas instituições entre seus membros e o que cada setor detém em termos de poder em relação a outros setores.

Em relação aos valores, estando associados a critérios para decidir o que na conduta humana, é bom ou é mau, analogamente pode-se aplicar aos objetos, itens, peças de um acervo, no caso específico, livros impressos.

Uma das ferramentas que mencionam a valoração como ponto de partida para a gestão de acervos, é o Gerenciamento de Riscos, metodologia que trabalha com dez agentes de deterioração do acervo: força física, temperatura incorreta, umidade relativa incorreta, criminosos, água, fogo, pestes, poluentes, luz e dissociação, os quais devem ser identificados e monitorados. A partir de uma avaliação abrangente e sistemática de todos os riscos para o patrimônio (desde emergências até riscos crônicos), pode-se estabelecer prioridades para ação e alocação de recursos, orientando a tomada de decisão sobre preservação.

O gerenciamento de riscos trabalha com a noção de perda de valor, ou seja, o quanto de valor perde uma obra quando afetada por um risco identificado entre os dez agentes de degradação. Segundo José Luiz Pedersoli Jr. e Lorete Mattos, “na preservação do patrimônio cultural, o fator tempo é de extrema relevância. Preservamos nossos acervos para gerações futuras e temos como objetivo estender ao máximo a sua permanência e os valores que lhe estão agregados.” (PEDERSOLI JR.; MATTOS, 2013, p. 60).

Na gestão de riscos, a valoração das coleções é essencial, pois vai delimitar “[...] a importância relativa de cada objeto ou grupo de objetos dentro da coleção, afastando-se [...] da ideia de que todos os objetos têm o mesmo valor ou importância [...]”. Deve envolver também, segundo Davi Cohen Daza e Mario Fernandez Reguera, os “[...] diferentes aspectos do funcionamento da instituição museal, como a conservação, a comunicação, a exposição e a pesquisa [...]” permitindo

estabelecer prioridades de atuação, frente a ocorrência de alguma catástrofe. (COHEN DAZA; FERNANDEZ REGUERA, 2014, p. 243).

Nesse sentido, a “valoração da coleção emerge como um ponto nevrálgico na difícil tarefa de planejamento, que além disso deveria incluir todas as instâncias do funcionamento da instituição e não somente as áreas encarregadas da conservação [...]” segundo afirma Cohen Daza e Fernandez Reguera (2014, p. 243).

Por ser um conceito subjetivo, a atribuição de valor a uma coleção ou item depende da perspectiva de tempo e da perspectiva do observador, levando em consideração uma das categorizações do conceito, como por exemplo: valor de utilidade, valor estético, valor emocional e valor econômico ou de mercado.

O conceito de valor vem sendo estudado por várias áreas do conhecimento, entre elas a Filosofia, Sociologia, Economia o que tem produzido enfoques diversificados. Para alguns teóricos o valor é intrínseco aos objetos, para outros é o sujeito que atribui valor aos objetos e já um terceiro grupo coloca que a valoração é o ponto de confluência dos objetos e dos sujeitos dentro de um âmbito de relações sociais, culturais e econômicas.

O valor histórico, o valor estético e o valor simbólico costumam ser designados por serem os mais representativos e gerais e por conterem outros valores.

O valor histórico é atribuído aos objetos que se constituem em documentos para a construção da história nacional, regional ou local e, da mesma maneira, para o conhecimento científico, entendendo-se que os objetos também sejam fontes primárias de informação. O valor estético, por sua vez, reconhece-se nos objetos que tenham atributos de qualidade artística, de estilo e técnica. E o valor simbólico manifesta modos de ver e sentir o mundo individual e coletivo, tendo um forte poder psicológico de identificação e coesão social.

O Ministério da Cultura da Colômbia editou, em 2005, o *Manual para Inventarios de Bienes Culturales Muebles*, que dedica um capítulo aos aspectos teóricos e práticos envolvidos na valoração do patrimônio cultural. O manual está baseado no conceito de que o contexto (sócio-cultural-econômico) atua como meio

de encontro entre o objeto e o sujeito que valora, modela e define os valores que se atribuem a um bem. (REPUBLICA DE COLOMBIA, 2005).

Segundo Davi Cohen Daza e Mario Fernandez Reguera, para construir categorias de valoração que funcionem em cada instituição, é importante levar em conta, além da participação de diferentes públicos, alguns critérios que explicitem as características dos objetos, bem como alguns níveis de contexto que permitam entender em que tipo de campo, um objeto ou grupo de objetos pode ser importante. Dentre os critérios, os autores mencionam os seguintes: histórico, estético, científico/técnico, social/espiritual, raridade/unicidade, condições. Em relação aos níveis de contexto, referem o contexto institucional, universal, nacional, local e grupal. (COHEN DAZA; FERNANDEZ REGUERA, 2013, tradução nossa).

O valor monetário é comumente atribuído nas coleções de museus e galerias em função dos empréstimos e comodatos, rotina comum nessas instituições pois os outros valores são identificados no momento do tombamento e serão identificados ao longo dos processos de musealização. Para isso, os gestores necessitam recorrer a processos de aquisição de apólices de seguro com a finalidade de assegurar a integridade das suas obras. Para isso, um exame detalhado de cada obra é necessário antes de qualquer uso ou empréstimo.

Outra compreensão para os processos de valoração do patrimônio – especialmente em museus e nas cidades – se relaciona ao que estes processos representam para os grupos sociais e a sociedade na sua diversidade.

A professora e socióloga Maria Cecília Londres Fonseca, em relação aos valores definidos por grupos sociais, afirma:

Esses diferentes valores atribuídos são [...] regulados por duas noções que se articulam sobre as categorias de espaço e tempo — a noção de História e a de Arte. A primeira, enquanto reelaboração do passado, a segunda, enquanto fruição *in praesentia*. Nesse sentido, os bens que constituem os patrimônios culturais se propõem como marcas do tempo no espaço. (FONSECA, 1997, p. 49).

Elaborar uma pesquisa sobre valor em acervos não se constitui em tarefa de fácil conclusão por se tratar de assunto que transita por diversas áreas do conhecimento: economia, filosofia, direito, arquitetura, semiologia, linguística, entre

outras. Em se tratando de acervo bibliográfico, não existem muitas pesquisas que tratem especificamente sobre atribuição de valor. (APÊNDICE A)

Diferentemente dos museus, nas bibliotecas, o acervo não é tratado como objeto de valor ou sujeito a proteções especiais, excepcionalmente quando se trata de obras raras ou valiosas, devidamente identificadas e caracterizadas através de estudos históricos e de critérios de raridade. Jayme Spinelli e José Luiz Pedersoli Jr. indicam os seguintes aspectos a serem ponderados na valoração do acervo, em resposta a situações de emergência:

- ✓ Valor econômico ou raridade do documento;
- ✓ Ser insubstituível;
- ✓ Valor especial para o cumprimento da missão ou objetivos da instituição;
- ✓ Valor científico;
- ✓ Importância para o país, cidade ou região;
- ✓ Documentos com o selo **Memória do Mundo**. (SPINELLI; PEDERSOLI JR., 2011, p. 99).

Para a bibliotecária e pesquisadora Ana Virgínia Pinheiro, ao tratar de critérios de raridade, afirma: “não existem investigações bibliográficas que abordem critérios de raridade [...] de forma metodológica e sistemática.” ao propor em seu livro, uma metodologia para o estabelecimento destes critérios. (PINHEIRO, 1989, p. 19).

Em se tratando de obras pertencentes a um acervo corrente, que não tem a pretensão de ser raro, a situação se torna mais complexa, mas não impossível, uma vez que tais critérios são absolutamente necessários no momento de se constituir um levantamento, mesmo que seja parcial, do acervo da instituição, tendo em vista prioridades de salvamento em situações de desastres que permitam a interferência das equipes de trabalho.

3.2 O FAZER DO BIBLIOTECÁRIO E DO MUSEÓLOGO

Os profissionais que atuam em bibliotecas e museus apresentam algumas semelhanças no seu fazer e cabe aqui elencar tais atividades no sentido de verificar afinidades e aproximações entre os dois campos de atividade.

Bibliotecários e museólogos, em geral, têm suas atividades ligadas ao controle, gerenciamento, registro, divulgação ou comunicação do acervo das suas instituições. Estas atividades se dissociam na finalidade das suas coleções. O bibliotecário trabalha no intuito de disponibilizar o acesso ao conteúdo das suas coleções bibliográficas através de processos como descrição física (análise descritiva ou catalogação), descrição de conteúdo (análise temática ou classificação, indexação) e a disseminação ou disponibilização do acesso aos leitores. Disponibilizar a informação ao público através de mecanismos de busca e recuperação desta mesma informação.

O museólogo, de forma análoga, também registra, descreve e dissemina ou divulga suas coleções e acervos. O diferencial é que o museólogo vai atuar com coleções científicas e artísticas, materiais ou imateriais, realizando um trabalho de pesquisa que vai possibilitar a construção de um conhecimento, em interação com os diversos grupos envolvidos, objetivando a construção de uma nova prática social. A pesquisa alimenta todas as ações museológicas a respeito dos objetos, visando uma exposição futura ou ainda a busca pela identidade ou representatividade do objeto. Estuda sua materialidade – de que é feito aquele objeto, para poder preservar da melhor maneira possível. Ao conhecer a materialidade dos objetos que compõe a sua coleção, pode determinar qual a melhor forma de preservar aquele objeto, afastando-o de futuras perdas ou danos em função da armazenagem inadequada.

O bibliotecário, por trabalhar com maior parte do acervo impresso em papel, também tem a preocupação com a preservação e manutenção do seu acervo, porém, por se tratar de um mesmo tipo de materialidade, ou, pelo menos, menor variedade de materiais, vai favorecer uma melhor preservação dos itens e permitir o

melhor conhecimento das técnicas de armazenamento e acondicionamento, evitando assim a degradação do seu acervo.

A materialidade dos objetos de museu é muito ampla e diversa, fato que exige do museólogo um conhecimento mais eclético de todas as possibilidades de degradação a que cada tipo de material está exposto. Ele vai se cercar de profissionais das mais diversas áreas para compor, com ele, a equipe do museu: desde o conservador-restaurador até o químico, o arquiteto, o engenheiro, o historiador, o antropólogo, entre outros.

Tanto o trabalho do museólogo como o do bibliotecário, em relação ao seu público é o de mediação. Ambos serão os mediadores entre o acervo e o público, entre o conteúdo de determinada exposição ou acervo e o significado que eles podem para o visitante ou usuário. O bibliotecário, de alguma forma, promove o encontro da informação que o usuário busca com ele próprio, realizando assim a sua necessidade de pesquisa. O bibliotecário vai ao encontro do usuário que necessita sanar alguma questão de pesquisa, oferecendo o seu menu de alternativas nos acervos das bibliotecas, nas bases de dados, nas ferramentas *online* de pesquisa entre outros.

As pessoas se dirigem às bibliotecas para sanar alguma questão de pesquisa ou localizar algum material para aprofundar seus conhecimentos; os museus são procurados como espaços para lazer, para descobrir e conhecer fatos da história ou ainda sobre determinados vultos da sociedade, ou simplesmente para fruição dos visitantes. Apenas como contemplação, ele instiga a curiosidade e conforme a estrutura da exposição ou linguagem expográfica traz ao visitante uma forma de voltar no tempo ou ainda de aprofundar seus conhecimentos sobre determinada cultura, etnia, fato histórico ou mesmo sobre a vida de um artista.

Não é à toa que estes dois equipamentos culturais, biblioteca e museu, através dos tempos, estiveram juntos, unidos sob uma mesma edificação, compondo templos da intelectualidade e da sabedoria.

A linguagem utilizada nas exposições, chamada de linguagem expográfica, leva o visitante a reviver momentos passados, instiga-o a desvendar mistérios ou novos conhecimentos. Como espaço de pesquisa, o museu oferece a historiadores,

arqueólogos, cientistas em geral, ambiente propício para desenvolver seus estudos e pesquisas. É um verdadeiro laboratório de experiências.

A experiência do visitante tanto no museu quanto em uma biblioteca pode ser algo inusitado, visto que são espaços de acesso público que permitem a interação com estímulos diversos, verdadeiros “[...] espaços dinâmicos, de investigação constante e de comunicação cultural, representando simbolicamente a sociedade e a cultura [...]” e que vão contribuir para “[...] a criação de memória coletiva e identidade, reproduzindo expressões culturais, transmitindo conhecimentos e valores, e proporcionando experiências e sensações.” Ambos com objetivos orientados para o estudo, a educação e também a fruição. (SOUSA, 2018, p. 72).

No museu, a interdisciplinaridade é uma condição *sine qua non*, as diversas áreas do conhecimento se cruzam e se entrelaçam no ambiente e a transmissão de memórias tem um papel educativo fundamental, em todas as idades, para construção de valores e para o desenvolvimento integral da sociedade.

Nas bibliotecas o ambiente é contagiado por silêncio e reflexão, espaço de leitura, espaço de pesquisa, espaço de ampliação de conhecimentos. Também pode se constituir em espaço de exposição e fruição, conforme sua disponibilidade de espaço e inserção social.

São espaços que promovem a cultura, o conhecimento, a educação não apenas oferecendo ao cidadão uma nova perspectiva de significados para a sua vida, mas atuando também na sua formação, à medida que quanto mais ele se interessa pelo que ali está disponibilizado, mais ele quer conhecer e aprofundar esta experiência, que tem potencial de ressignificar toda a sua existência através do conhecimento.

O museu e mesmo a biblioteca, como espaços culturais, possibilitam o encontro do sujeito com os objetos, de modo a permitir a construção de narrativas por meio de rememoração e da presentificação de fatos, servindo de pontos de referência na reconstrução do que chamamos de memória.

3.3 A MEMÓRIA COLETIVA

Resgatar fatos vividos em momentos passados, seja através de relatos ou entrevistas, não significa que seja exatamente a realidade que ocorreu, uma vez que as sensações adquiridas durante o acontecimento serão diversas para pessoas diversas. Os fatos podem ser narrados de maneiras diferentes por pessoas que viveram ou estavam presentes naquele momento. Ainda é possível considerar que lembrarmos de fatos que não vivemos e isso nos leva a recorrer ao autor que cunhou o conceito de memória coletiva, Maurice Halbwachs.

No entanto, se os fatos possuem relevância social, a memória de uma pessoa pode representar a de todos. É a memória ética, na qual o passado é lembrado no intuito de evitar sua repetição: lembrar para que não ocorra novamente, conforme o imperativo categórico de Adorno, respeitando as diferentes formas de abordar o tema através das lembranças individuais.

Pedro Savi Neto, relaciona este processo de conhecer o passado ao respeito à diferença quando afirma que,

A capacidade de conhecer o passado está diretamente ligada à capacidade do sujeito em reconhecer e respeitar algo diferente dele próprio. A capacidade de reconhecimento e respeito à diferença está, por sua vez, diretamente relacionada com a formação da subjetividade ética, que se dá a partir da aceitação de sua própria constituição com relação aquilo que é diferente. (SAVI NETO, 2017, p. 128).

O envolvimento emocional sugere que determinadas memórias fiquem para sempre marcadas no inconsciente dos indivíduos, revelando uma narrativa real e singular. Áreas como a neurociência reconhecem a importância da carga emocional na configuração das estruturas de rememoração nos indivíduos.

A memória como forma de evocar determinado acontecimento ou mesmo na concepção da criação de um novo conhecimento será muito útil para desvelar situações passadas que poderão responder de forma precisa, questões do presente, em relação a determinados acontecimentos ou fatos que geraram algum sentido ou significado na vida cotidiana dos indivíduos.

Verificar as experiências vividas por sujeitos frente a determinadas situações, permite evidenciar a concepção de determinado fato que cada indivíduo possui, em relação às questões indagadas. Maurice Halbwachs demonstra que “é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência na reconstrução que chamamos de memória.” (HALBWACHS, 2006, p. 9).

Os quadros sociais reais, a que Halbwachs se refere, são os grupos sociais aos quais estamos vinculados, por exemplo, família, trabalho, linguagens, entre outros. Nesse caso, se levarmos em conta o contexto ao reconstruir a memória de determinado indivíduo, perante algum fato, essa memória se estabelece como tal.

As imagens impostas pelo meio podem modificar a impressão que se tem guardado de um fato mais antigo, a ponto de que as imagens reproduzam mal o passado e que o elemento ou a parcela de lembrança que se encontrava primeiramente no espírito do indivíduo seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. (HALBWACHS, 2006).

O que não está plenamente enraizado em nosso imaginário, em termos de lembranças individuais, pode sofrer modificações perante a imposição do meio no qual foram vivenciadas. Se o que se vê hoje tivesse que tomar lugar no quadro de lembranças antigas, de forma inversa tais lembranças se adaptariam ao conjunto de percepções atuais de cada indivíduo. Para que uma memória se apoie nas memórias de outros é necessário que ocorram muitos pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança seja reconstruída sobre um fundamento comum.

O próprio jogo de memória remete a uma coincidência de figuras que devem ser idênticas, exatamente iguais para se acertar ou ganhar um ponto. Reflexo da justaposição que deve ser encontrada entre as lembranças com um fundamento comum.

Os indivíduos que se unem em grupos pelas necessidades de uma obra comum, quando se separam, cada um guarda uma parte das lembranças para recordar as mesmas impressões, desde que se mantivesse os sentimentos ou as

emoções envolvidas no momento: tristeza, surpresa, inquietude, alegria, entre outros. Inversamente, pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos e exatos e que eles corrijam e reorientem a lembrança, ao mesmo tempo que se incorporem a ela. Aqui a necessidade de uma comunidade afetiva.

Segundo Reys Mate, "o passado tem vida própria, surpreende a consciência presente, toma a iniciativa. Esse passado não é capturado, em segundo lugar, pela ciência, pela reconstrução científica, mas através da lembrança." (REYES MATE, 1991, p. 52)⁷. Assim, as diversas acepções ou assertivas a respeito da memória remetem a sua característica de estar ligada, principalmente, às emoções que permitem sua evocação. Ela se compreende como um processo em constante evolução e que se permite atribuir significados simbólicos conscientes ou mesmo vagos e fictícios, remetendo a impressões diversas que podem ser o princípio da construção de uma história ou de uma narrativa.

A memória individual pode ser um ponto de vista para a memória coletiva. As memórias individuais se referem à personalidade, à vida pessoal diferente das dos outros, preenche lacunas; as memórias coletivas se referem a grupos, lembranças impessoais e não se confunde com as individuais. Utilizam como instrumento as palavras e as ideias, reproduzindo os signos através dos tempos. (HALBWACHS, 2006).

A memória se refere a um ato criativo que carrega verdades ou mentiras, se constituindo num fenômeno que se repete e como substrato para a construção do conhecimento.

Pierre Nora traça um paralelo entre memória e história, ressaltando que não se tratam de sinônimos e se estão presentes a mediação, o rastro e a distância, se trata de história e não de memória. Aponta ainda os seguintes aspectos:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (NORA, 1993, p. 9).

⁷ Documento eletrônico.

O autor alerta ainda que “a história é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais [...]” e a memória, por sua vez, se constitui num “[...] fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente e a história, uma representação do passado.” Por ser afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam. A memória se alimenta de lembranças vagas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, p. 9).

Os arquivos, as bibliotecas, segundo Pierre Nora se constituem em “[...] instrumentos de base do trabalho histórico e [...] nos objetos mais simbólicos de memória [...]” justamente por reterem e preservarem em seu interior a comprovação material (documentos, livros, material impresso em geral) da memória e, por consequência, da história de determinada sociedade. Desta forma, a memória, segundo o autor, se torna tomada pela própria história. (NORA, 1993, p. 12).

Em relação à necessidade dos suportes materiais na comprovação da memória, Pierre Nora, considera ainda que quanto

Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. (NORA, 1993, p. 14).

A memória como instrumento de pesquisa será utilizada como mecanismo apropriado para cruzar os depoimentos vividos e vivenciados em determinado tempo, pelos sujeitos da pesquisa – professores, pesquisadores das áreas de Comunicação e Informação. Inserir relatos destes pesquisadores que fizeram parte da formação de determinada área do conhecimento, podendo acompanhar através dos tempos sua evolução, constitui-se em um movimento de evocação, pois, ao atribuir suas impressões sobre o tema, pode permitir a construção da história ou da narrativa de constituição desta mesma área.

Ao escolher a memória como ponto de partida para a (re)construção de uma realidade, será necessário conhecer o relato dos pesquisadores envolvidos com a área do conhecimento em estudo, pois a memória, enquanto metodologia de

pesquisa, é uma ferramenta que permite olhar para a história, neste caso para a história local, através do olhar de quem a vivenciou.

Segundo Angelica Nuñez, “a memória é o traço deixado pela experiência, as marcas do passado que permanecem latentes em cada ato humano, seja individual ou coletivo, [...] é fixada especialmente através das emoções [...]” assim as lembranças de cada um dos pesquisadores, em relação ao que vivenciaram no campo de pesquisa em que atuam, será essencial para se obter a verdadeira importância que os materiais têm ou tiveram para o avanço das suas pesquisas. (NUÑEZ, 2007, p. 183, tradução nossa).

Ao se referir aos museus, especificamente às exposições, Angelica Nuñez ressalta que “a memória se converte no meio de reter e socializar a sensação ou o conhecimento experimentado na exposição, o momento de encontro com o objeto é algo que se quer lembrar [...]”, revelando a importância de se socializar o conhecimento que fora experimentado e que deve ser socializado, por ser algo que se quer lembrar. (NUÑEZ, 2007, p. 192, tradução nossa).

No caso da formação do acervo da Biblioteca, os pesquisadores com seus depoimentos em relação à constituição da área de pesquisa em que atuam, serão as testemunhas e os representantes do seu desenvolvimento. Ao refletir sobre a importância do acervo para a sua área de pesquisa, eles estarão fornecendo a base para a certificação de qualidade do acervo e sua permanência como bem material que deve ser preservado para testemunhar a evolução desta mesma área de conhecimento. Para eles o significado que o acervo tem para o desenvolvimento das suas pesquisas e da área como um todo, pode ser critério a ser seguido no momento de selecionar aqueles que irão compor a narrativa histórica da área.

Para a interpretação das memórias, através das entrevistas, selecionamos as seguintes categorias de análise, formando um eixo temático que articula as falas das entrevistas com a construção histórica das áreas do conhecimento dentro da Universidade.

As categorias de análise previstas para compor as entrevistas são:

- a) Trajetória social, incluindo a formação e atuação profissional, do pesquisador;

- b) Visão de mundo e conhecimento sobre a área ou campo do conhecimento;
- c) Conhecimento do acervo e tipologia de valor.

Na categoria trajetória social serão abordados do pesquisador o seu caminho através dos tempos na área do conhecimento, incluindo sua formação acadêmica, seu percurso de pesquisa, sua atuação profissional, enfim, o caminho percorrido pelo docente até chegar à categoria de pesquisador do CNPq⁸, assim como profissional reconhecido pelos seus pares.

Na categoria visão de mundo e conhecimento sobre a área ou campo do conhecimento serão abordadas questões relativas à percepção do pesquisador em relação a sua área de conhecimento.

Na categoria conhecimento tipologia de valor, será averiguada a relação que o pesquisador faz da área do conhecimento com o acervo da Biblioteca e a sua importância para o desenvolvimento da área de pesquisa assim como das pesquisas desenvolvidas na unidade acadêmica, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Nesta categoria pode-se considerar o processo de valoração e a identificação de novos valores em relação ao acervo, como valor de testemunho, de identidade, de afeto.

Segundo Nicola Abagnano, memória é a “possibilidade de dispor conhecimentos passados.”. Ela pode ser constituída por

[...] duas condições ou momentos distintos: 1. conservação ou persistência de conhecimentos passados que por serem passados, não estão mais à vista: é a *retentiva*; 2. possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente: é propriamente a recordação. (ABAGGNANO, 2007, p. 657).

O autor ainda se refere a um grupo de doutrinas a que a memória pode estar vinculada, “[...] as que interpretam a memória como inteligência [e] as que interpretam a memória como mecanismo associativo.” (ABAGGNANO, 2007, p. 658).

⁸ CNPq: Conselho Nacional de Pesquisa que atualmente é chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia, com o objetivo de incentivar a pesquisa no Brasil.

Em geral temos a tendência de compreender ou entender a memória como um mecanismo associativo, identificado pelo indivíduo ao relacionar fatos vivenciados, através da associação ou do encadeamento de ideias e momentos, reunindo pessoas, lugares, momentos, situações através da exteriorização do pensamento. A memória é também a forma de aprender linguagens e de apreender o mundo.

Assim, a memória, como método de pesquisa, vai se apresentar através das entrevistas com os pesquisadores (sujeitos), das situações e momentos vivenciados e relatados por eles e também do lugar, no qual está sediada esta memória, ou seja, do ambiente no qual o acervo se constituiu e permanece preservado – a Biblioteca, pois de acordo com Pierre Nora, “[...] a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos.” (NORA, 1993, p. 25).

Ao buscar a voz dos pesquisadores da instituição e seu envolvimento com o acervo do campo de conhecimento no qual atuam, pretende-se destacar suas percepções em relação às questões de valor do acervo da sua área, tentando aferir autoridade às reflexões relatadas.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

O conjunto de diretrizes que orientam essa pesquisa pode ser apresentado, segundo a sua natureza, como uma pesquisa aplicada, pois pretende gerar conhecimento dirigido à solução de um problema específico; segundo sua abordagem, como uma pesquisa qualitativa, pois não vai se preocupar com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão dos significados, das crenças, dos valores e das atitudes em relação aos processos ou fenômenos estudados; e segundo seus objetivos, constitui-se em uma pesquisa descritiva-analítica pois pretende descrever os fatos e os fenômenos da realidade, que não podem ser quantificados.

Em relação aos procedimentos adotados, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, com o objetivo de recolher informações sobre o conceito de valor aplicado a um acervo bibliográfico de caráter histórico e as entrevistas semiestruturadas com pessoas que possam dar significado a esse acervo, através de suas narrativas. As entrevistas seguiram o modelo de Powney e Whatts (1987) denominada entrevista orientada para a informação, que “[...] visa circunscrever a percepção e o ponto de vista de uma pessoa ou de um grupo de pessoas numa situação dada.” (POWNEY; WHATTS, 1987 *apud* LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1994, p.162).

Para situar a pesquisa e o desenvolvimento da reflexão sobre o conceito de valor em coleções, precisaremos distinguir formas metodológicas de abordar o assunto. Nesse sentido, a **Teoria dos Campos**, de Pierre Bourdieu, foi utilizada nessa discussão, pois fornece elementos para a análise do contexto histórico, social e político no qual essas obras foram geradas.

Segundo o autor, campo é “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas.” (BOURDIEU, 2004, p. 20).

Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que aí

estabelecem. Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é a “[...] estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes”. O lugar que os agentes ocupam nessa estrutura é que vai indicar suas tomadas de posição. (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

As áreas de Informação e Comunicação consideradas como campos científicos, mantêm uma relação de forças entre os pesquisadores, num espaço concorrencial, que vai orientar as estratégias de cada um em relação à competição no interior de cada campo ou área.

No campo científico vai se constituir uma forma específica de mobilização de recursos que Bourdieu chamou de capital científico, que é uma espécie particular do capital simbólico que se baseia em relações de conhecimento e reconhecimento ou no crédito atribuído pelo conjunto de pares, concorrentes dentro da lógica específica do campo. (BOURDIEU, 2004).

O autor distingue duas formas de poder, que correspondem a duas espécies de capital científico. O poder temporal ou político, que remete a uma espécie de poder institucional sobre os meios de produção e reprodução. Se refere às posições importantes ocupadas nas instituições científicas e o que isso vai proporcionar, como poder de nomear e de fazer as carreiras científicas. A outra forma de poder, poder específico, se refere ao prestígio pessoal que é independente do poder temporal. Ele se refere ao reconhecimento institucionalizado do conjunto de pares. (BOURDIEU, 2004).

As duas espécies de capital científico possuem diferentes leis de acumulação: o capital científico puro adquire-se pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, como as invenções ou descobertas; o capital científico institucionalizado que se adquire por estratégias políticas e institucionais, como participação em comissões, reuniões, bancas. (BOURDIEU, 2004).

A distribuição do capital científico entre os membros é que vai estruturar o campo científico. Esse capital vai conferir, a cada um, pesos diferentes, influência ou poder político dentro do campo. Os membros do campo vão agir de acordo com a posição que ocupam dentro do campo. (BOURDIEU, 2004).

Os agentes sociais, inseridos na estrutura de um campo e em posições que dependem do seu capital, desenvolvem estratégias que dependem dessas posições. Essas estratégias, segundo Bourdieu, orientam no sentido da conservação da estrutura ou no sentido contrário, da transformação dessa mesma estrutura. Os membros que ocupam uma posição favorecida na estrutura vão agir no sentido de manter a estrutura e, conseqüentemente, a sua posição. (BOURDIEU, 2004).

Assim, o capital científico de cada docente e/ou pesquisador envolvido com as áreas foi abordado na perspectiva das relações de conhecimento e reconhecimento atribuído pelos seus pares, bem como as propriedades do campo científico em questão.

Como se dá a distribuição do capital científico nas duas áreas, comparando a ação dos pesquisadores, docentes com a posição que ocupam dentro da área, traçando um paralelo com a classificação das áreas do conhecimento do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, na qual as duas áreas estão inseridas, como subcampos do conhecimento.

As áreas da Comunicação e da Informação se constituem em subáreas da área maior denominada Ciências Sociais e Aplicadas I, motivo pelo qual possuem campos distintos de estudo e pesquisa, mesmo que se inter-relacionem quanto ao seu objeto e aos procedimentos metodológicos.

Na hierarquia de constituição da tabela de áreas do conhecimento, a área da Informação, denominada Ciência da Informação contém as especialidades: Teoria da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia; a área da Comunicação, apresenta como especialidades a Teoria da Comunicação, Jornalismo e Editoração, Rádio e Televisão, Relações Públicas e Propaganda e Comunicação Visual. (BRASIL, 2017).

Desta forma, pode-se constituir um resgate da memória coletiva dos docentes das áreas envolvidas no acervo em estudo, pela importância que representam ou representaram para o desenvolvimento de cada área e pelo potencial das suas pesquisas, levando-se em consideração o capital científico que cada um acumulou durante a sua atuação no campo da pesquisa.

A metodologia de gerenciamento de riscos, como ferramenta de gestão na tomada de decisões dirigidas à conservação e ao uso do patrimônio cultural,

constituiu-se no ponto de partida para este estudo, pois o estabelecimento de prioridades e por consequência o conhecimento do acervo e do seu valor, é essencial para o gerenciamento deste acervo, em relação aos riscos e danos a que está sujeito. Aqueles itens com maior valor para a instituição serão os mais protegidos através de ações que visem à minimização destes danos para proporcionar a menor perda de valor possível para o item.

O gerenciamento de riscos pressupõe a implantação de um processo de gestão contínua na organização e o apoio e no envolvimento de todos os seus segmentos. Segundo a norma técnica australiana e neo-zelandesa, esse processo é constituído por cinco etapas sequenciais, e duas contínuas:

- a) **estabelecimento do contexto:** onde os riscos serão gerenciados;
- b) **identificação dos riscos** de forma sistemática e abrangente;
- c) **análise dos riscos:** quantificar sua magnitude, ou seja, sua probabilidade de ocorrência e o impacto esperado;
- d) **avaliação dos riscos:** decidir quais riscos serão tratados e com que prioridade;
- e) **tratamento dos riscos** identificados como prioridade para reduzi-los a níveis aceitáveis.

As duas etapas contínuas e necessárias ao sucesso do gerenciamento de riscos são a consulta e comunicação com todas as partes interessadas e o monitoramento e revisão de todo o processo. (STANDARDS AUSTRALIA, 2004 *apud* HOLLÓS; PEDERSOLI JR., 2009).

A metodologia prevê dez agentes de deterioração dos acervos. São eles: força física, água, fogo, poluentes, criminosos, luz, temperatura incorreta, umidade relativa do ar incorreta, pragas e dissociação.

Segundo José Luiz Pedersolli, “o uso da metodologia representa uma contribuição adicional significativa às estratégias de segurança e conservação preventiva do patrimônio cultural, visto que permite o estabelecimento de prioridades para ações preventivas de forma bem embasada e transparente.” (HOLLÓS; PEDERSOLI JR., 2010, p. 8).

O valor é uma subárea da Filosofia que motiva debates há séculos. Segundo Sílvio Zanchetti, existem duas posições filosóficas quanto ao processo de valoração dos objetos:

A primeira afirma que a valoração é uma característica própria e exclusiva dos objetos, portanto, tem valores intrínsecos que estão associados às características físico-materiais. A segunda, parte de uma posição oposta, pois afirma que a valoração é uma ação que um sujeito realiza sobre os objetos, isto é, o sujeito atribui um valor aos objetos. (ZANCHETTI, 2014).

Existe uma posição alternativa que incorpora as duas, argumentando que é no contexto onde se realiza a valoração que se encontra a resposta. Segundo Risiere Frondizi a valoração é um ponto de confluência dos objetos e dos sujeitos dentro de um âmbito de relações sociais, culturais ou econômicas, ou seja, uma correlação entre três variáveis, o sujeito, o objeto e o contexto. A argumentação desse autor coloca o sujeito como a entidade que atribui valor mas o faz somente considerando as qualidades dos objetos e informado pelo contexto social, cultural e econômico onde se insere ou foi formado como indivíduo capaz de tomar decisões. (FRONDIZI, 1971, tradução nossa).

A fundamentação teórica foi realizada através de pesquisa bibliográfica para coletar o que existe na literatura referente ao tema e aos fenômenos relacionados à problemática da pesquisa, para análise dos conceitos, de forma a contribuir para o seu entendimento.

Para validação da avaliação do acervo, a metodologia utilizada para reunir e coletar os depoimentos dos docentes e pesquisadores, foi a entrevista semiestruturada, com roteiro, centrada no tema específico de valoração do acervo pertencente às áreas da Informação e da Comunicação para levantar suas opiniões a respeito da importância do acervo para o desenvolvimento e história desses campos de estudo.

A entrevista permite ao observador participante confrontar a sua percepção do significado atribuído com o significado que os próprios sujeitos exprimem. É necessária quando se trata de recolher dados válidos sobre as crenças, opiniões e ideias dos sujeitos. Desta forma, a entrevista orientada para a informação foi utilizada com os docentes e pesquisadores selecionados para obter a percepção e o

ponto de vista deles em relação ao valor do acervo. (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005).

As entrevistas foram gravadas (em áudio), com a devida autorização dos entrevistados, para posterior transcrição e análise de dados. Os relatos transcritos serão restituídos aos/às interlocutores(as), se solicitado, e mantidos sob a guarda do pesquisador, como responsável, por um prazo de cinco (5) anos. A duração aproximada de cada entrevista foi de 40 (quarenta) minutos. A participação é livre e o(a) interlocutor(a) tem o direito de solicitar quaisquer informações a respeito, a qualquer momento, sem que isso acarrete prejuízo direto ou indireto a este indivíduo. O(A) interlocutor(a) terá o direito de requisitar a transcrição da entrevista caso deseje retirar seu consentimento para a mesma.

Foram abordadas questões em relação a trajetória acadêmica e social, incluindo formação e atuação profissional, conhecimento sobre a área ou campo de atuação, sua relação com o acervo da Biblioteca e o seu conhecimento em relação ao desenvolvimento de suas pesquisas e da área ou campo do conhecimento.

Os dados coletados foram utilizados, única e exclusivamente, para fins acadêmicos, assegurando a preservação da identidade de cada interlocutor(a). Aos depoimentos serão atribuídos cognomes.

A pesquisa é de baixo risco para o(a) interlocutor(a) pois foi coletada apenas a sua opinião e seu ponto de vista em relação ao acervo, assegurando sua confidencialidade. Ainda que de baixo risco, o interlocutor(a) poderá estar exposto a algum destes riscos: cansaço, exposição de sua identidade a partir das características da sua atuação, desconforto por estar sendo gravado.

As categorias de análise, a partir da coleta dos depoimentos, ficaram estipuladas em relação à trajetória social, visão de mundo e conhecimento do campo do conhecimento ou área de atuação e conhecimento do acervo da Biblioteca e sua importância para o desenvolvimento de sua área, conforme quadro a seguir (Quadro 1):

Quadro 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada com a identificação da abordagem e das categorias de análise

Abordagem / Roteiro	Categorias de análise
- Relate sua trajetória social e acadêmica (formação e atuação profissional)	Trajetória social e acadêmica
- Fale sobre a formação e constituição da sua área de conhecimento	Visão de mundo / conhecimento sobre a área
- Fale sobre sua percepção e conhecimento a respeito da relevância do acervo da Biblioteca para o desenvolvimento da área	Conhecimento do acervo / tipologia de valor

Os pesquisadores entrevistados foram escolhidos em função da atuação nas áreas de pesquisa e pelo seu capital científico em relação ao campo ou área do conhecimento, sendo reconhecidos pelos organismos de fomento à pesquisa acadêmica, sendo classificados como pesquisador junto ao Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq.

De posse das respostas às entrevistas, foi elaborado um quadro comparativo relacionando as duas áreas do conhecimento e as especificidades que cada pesquisador levantou em relação a sua atuação, reunindo em categorias de análise para poder formular um panorama das duas áreas do conhecimento em relação ao valor que os itens do acervo podem apresentar ou significar para o desenvolvimento dessas áreas.

Com as informações coletadas até o presente momento, com a continuidade dos estudos e com o apoio das entrevistas realizadas com os pesquisadores, pode-se obter um panorama específico da questão sobre atribuição de valor ao acervo de livros, no caso, de uma biblioteca universitária.

Verificar, na prática, quais fatores podem ser levados em consideração, em relação ao acervo, no momento de analisar os itens que compõem a coleção em relação a sua importância para o desenvolvimento da área do conhecimento a que pertencem, bem como para compor, de forma fundamentada e justificada, o patrimônio geral da instituição, agregará mais valor para o acervo como um todo.

Conhecendo com mais propriedade os itens que poderão ser valorados, pode-se adotar um planejamento de preservação mais eficaz e com definição de prioridades estabelecidas e fundamentadas na avaliação criteriosa de especialistas (pesquisadores e docentes das áreas).

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Com base nas entrevistas realizadas com quatro professoras/pesquisadoras das áreas relacionadas ao acervo da Biblioteca, nas quais se buscou sua visão e compreensão sobre o valor que poderiam reconhecer no acervo, para o desenvolvimento da área do conhecimento. As entrevistadas se manifestaram livremente, a partir de três questões, com ênfase no processo ou na forma da manifestação do problema de pesquisa, qual seja: verificar as possibilidades metodológicas para a valoração de acervo bibliográfico, enquanto patrimônio histórico, cultural e científico da Universidade.

As entrevistas foram realizadas dentro da Biblioteca, ambiente familiar a todas as entrevistadas, o que permitiu uma maior descontração entre entrevistadora e entrevistada por ser local frequentado por todas, durante suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Ao se optar pela Biblioteca, como local da realização das entrevistas, segundo Massimiliano Tarozzi, a entrevistadora procura conferir certo “[...] grau de aderência às interpretações ou representações da realidade estudada [...]” pelas entrevistadas. Ainda segundo o autor, a pesquisadora não se pretende neutra pois “[...] assume também o próprio ponto de vista como dado de pesquisa, apesar de buscar distinguir os dados que são produzidos pelos fatos observados daqueles que são suas próprias representações, percepções, juízos.” (TAROZZI, 2011, p. 52).

Trata-se de um grupo social homogêneo, com as seguintes características: mulheres, docentes de universidade pública, pesquisadoras que acumularam, através dos tempos, certo nível de capital científico puro, na visão de Pierre Bourdieu, e que coordenam ou coordenaram grupos de pesquisa nas suas respectivas áreas de atuação.

As quatro pesquisadoras serão identificadas através de codinomes, as duas pesquisadoras da área de Ciência da Informação serão identificadas por **Rita** e **Rosa** e as duas pesquisadoras da área de Comunicação por **Renata** e **Roberta**.

As transcrições das entrevistas serão arquivadas e disponibilizadas às interessadas, se solicitadas.

As entrevistas foram realizadas a partir do depoimento de cada pesquisadora, com uso de gravador de voz, abordando os seguintes aspectos: trajetória social e acadêmica, visão de mundo e conhecimento sobre a área, conhecimento do acervo em relação à área.

As questões propostas foram elencadas em categorias de análise para melhor interpretar as informações coletadas. As categorias de análise, previamente definidas, estão identificadas e relacionadas às três questões propostas. Segundo Massimiliano Tarozzi, “a definição de categorias deverá ser flexível e ativa, sem utilizar denominações que fecham e tornam objetos os fenômenos que exprimem, mas termos que sejam aderentes aos mesmos e que mantêm conformidade com a experiência.” (TAROZZI, 2011, p. 53).

São elas:

- a) Trajetória social;
- b) Visão de mundo; conhecimento sobre a área ou campo do conhecimento;
- c) Conhecimento do acervo, tipologia de valor.

Alguns trechos foram recortados das transcrições para compor a análise e a interpretação dos depoimentos e também para evitar a identificação das interlocutoras. Na tentativa de construir sentido para a análise, iniciamos com a descrição das entrevistas, seguida de explicações e de inferências em relação às categorias estipuladas de análise.

Ao relatar sobre sua trajetória acadêmica e profissional, as pesquisadoras abordaram suas lembranças, fazendo verdadeiros retrospectos de vida, envolvendo momentos de emoção e de orgulho pela caminhada através dos tempos. Outra pesquisadora lembrou que ao falar sobre sua vida e trajetória, sentia-se mais preparada para iniciar seu memorial descritivo para concorrer a uma vaga de professor titular na instituição. O retrospecto das suas vidas, em relação as suas atividades docentes e de pesquisa, foi mediado por percepções de atitudes de vanguarda e de opções que marcaram suas vidas acadêmica e profissional, repercutindo também no desenvolvimento do campo de estudo.

A trajetória acadêmica das quatro pesquisadoras iniciou-se na própria Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, cada uma na sua área de atuação, nos cursos de graduação, em diferentes períodos cronológicos. Todas fizeram sua pós-graduação fora da Universidade, tanto fora do Estado quanto fora do país. Duas delas já estão fora da atividade de docência e de pesquisa e as outras duas ainda atuantes como docentes e pesquisadoras. Todas as quatro atuam na instituição há mais de 20 anos no mínimo.

A partir desta primeira constatação, pode-se inferir que as quatro pesquisadoras têm grande familiaridade com a instituição, incluindo a Biblioteca e seu acervo, e ainda mais com o desenvolvimento das suas respectivas áreas de atuação. Suas experiências profissionais iniciaram com a docência. Uma entrevistada chegou a afirmar: “[...] meu vínculo com a Fabico é muito forte toda a minha história profissional tem um gancho com a Fabico.”

Segundo Massimiliano Tarozzi, o clássico dilema do pesquisador qualitativo é o de “[...] dar sentido a todos os dados, sistematizá-los e apresentá-los de um ponto de vista puramente descritivo.” Assim a transcrição das entrevistas se torna uma etapa importante da análise, pois o pesquisador ao se colocar no papel de intérprete das informações coletadas, vai se distanciar dos fatos que ele mesmo coletou, através das entrevistas, tentando conjugar a pesquisa empírica com a reflexão teórica. (TAROZZI, 2011, p. 11).

A seguir serão apresentadas as quatro pesquisadoras entrevistadas e um breve relato sobre suas narrativas em relação ao que foi proposto pela pesquisa.

5.1 “A PESQUISA NÃO PODE SER LOCAL, ELA TEM QUE DIALOGAR”

A primeira interlocutora, **Rita**, sobre a sua trajetória acadêmica e profissional, destacou sua formação em Biblioteconomia, mestrado em Educação e doutorado em Comunicação. Ela atuou como bibliotecária, no início da sua carreira, e depois como docente tanto no curso de graduação em Biblioteconomia, por 40 anos, como no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCom) da UFRGS. Cadastrada junto ao CNPq como pesquisadora, nível 1C. Desenvolve pesquisa em temáticas voltadas à Comunicação Científica, Produção Científica, Bibliometria, Cientometria, Estudos de Usuários e Ciência da Informação.

Iniciou suas atividades profissionais em biblioteca de universidade pública já trabalhando com pesquisas e dados de pesquisas e também no acompanhamento de programas de pós-graduação.

Teve uma visão ampla do Brasil, ao atuar, através do trabalho em biblioteca universitária, junto aos órgãos de fomento às pesquisas e ter acesso às tecnologias de ponta, em relação à geração de conhecimento e à pesquisa propriamente dita.

“A pesquisa não pode ser local, ela tem que dialogar com outros e [isso] é muito enriquecedor”, afirma ela, ao lembrar suas primeiras experiências com os pesquisadores, enquanto bibliotecária.

“O usuário não poderia ficar só restrito ao que tem [nas bibliotecas] e aí começaram os catálogos coletivos nacionais, tinha que saber que a tal biblioteca tinha. O bibliotecário faria essa ponte com o usuário [algo] totalmente inovador [para a época]”, relata ao lembrar da sua rotina de trabalho, junto a uma biblioteca especializada universitária.

Segundo ela, *“o Brasil, na América Latina foi inovador [com] o IBICT [Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia] ele tinha que tratar da documentação científica. O IBICT teve um papel importantíssimo.”*

Em relação a sua visão de mundo e conhecimento sobre a sua área, trouxe os seguintes relatos:

“Eu sou da época da Biblioteconomia que estava já com a documentação como algo inovador, mais voltado para a informação. [...] vieram essas novas abordagens que não era mais o livro, então primeiro era o documento e depois a informação pra valorizar. Não era mais o livro então essa palavra Biblioteconomia, biblioteca ficou um pouco desatualizada, mas a Ciência da Informação nada mais é do que Biblioteconomia aplicada à informação e não mais ao documento físico, ao suporte então acho que isso que deu uma [...]”

O Curso de Biblioteconomia trazia na sua estrutura curricular a documentação, que se constituiu em uma disciplina obrigatória durante muitos anos, chegando até meados da década de 1980. O cargo de bibliotecário na esfera federal tem a sua denominação como bibliotecário documentalista, por influência desta formação.

“As pessoas passaram a teorizar sobre o papel da informação, da informática pra tratamento da informação [...] para o próprio registro. O documento mesmo ser digital [...] aqueles conceitos de Biblioteconomia ficaram muito desatualizados. Criarem esse novos conceitos, novas teorias que passaram a tratar a informação nem sempre tangível.”

Com a introdução das tecnologias da informação, na década de 1990, os cursos passaram por grandes alterações curriculares, abrindo espaço para a informática e sua utilização no tratamento da informação.

“Quem tem os princípios da Biblioteconomia entende muito melhor o que seja Ciência da Informação do que quem não tem, no meu entender, por pensar como ocorreu comigo.”

Ao se referir a evolução da Biblioteconomia e da Documentação através dos tempos e sua relação com a Ciência da Informação, afirma:

“Me parece que a Ciência da Informação é quase uma evolução [da Biblioteconomia] tem gente que acha que não tem nada a ver. Eu parti da Biblioteconomia, da Documentação até chegar a Ciência da Informação.”

Em relação ao seu conhecimento do acervo e a sua visão sobre o valor do acervo para a área, fez as seguintes considerações:

*“Eu acho que quem seleciona o que vai guardar, em primeiro lugar, tem que conhecer a história da área. Não pode ser alguém que caia de paraquedas, porque é como eu tinha te dito eu estudei e ministrava aulas na área da documentação e tendo a Suzzane Briet, **Qu’est-ce que la documentation?** como uma ferramenta pois agora o livro foi lançado novamente.”*

Se referindo à importância da atividade de seleção de acervo e da necessidade do profissional ter um conhecimento profundo da história da área, conhecendo seus autores mais importantes e representativos de cada período, declara:

“Tem que conhecer a história da área e tem que saber quem são os autores [...], tem que conhecer quais são as teorias das áreas [...] não pode ser tendencioso porque descartaria um monte de coisa.”

“Por exemplo, quem acha que é uma área completamente técnica pode desconsiderar o que é humano, o mais importante pra mim é conhecer, saber os autores que fizeram essa história, representada no acervo.”

Ao mencionar uma obra que lhe ocorreu no momento da entrevista, levanta a questão em relação à reedição de uma obra, atribuindo-lhe certa importância justamente pelo fato de ter sido reeditada.

“O próprio livro da Suzzane Briet, [...] o conteúdo é o mesmo eu não tenho uma resposta ... ele vai ter um valor maior ainda até porque ele foi reeditado.”

“Quando sai uma edição nova não precisa estar disponível, deve ficar talvez um exemplar somente, nas obras raras ou de pouco uso.”

5.2 “A UFRGS NÃO ME QUERIA E EU NÃO ABANDONEI A UFRGS ATÉ HOJE”

A segunda interlocutora, **Roberta**, possui graduação em Jornalismo, há mais de 40 anos, quando o curso de Comunicação estava junto com a Faculdade de Filosofia, na UFRGS, mestre em Sociologia e Doutora em Comunicação e Cultura. Atuou na coordenação das assessorias de comunicação do Ministério da Educação

e na Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. É pesquisadora nível 1 do CNPq e atuou profissionalmente em jornal.

Relatou sobre a dificuldade que teve ao tentar ingressar na UFRGS como aluna por sua atuação na política e por ser ativista desde o ensino médio “[...] *por conta que eu também tinha me metido em confusões lá do grêmio estudantil [...].*”

”Nunca deixei a política, sempre tive envolvimento com o campo da política.”

Quando se candidatou ao mestrado em Sociologia, relata “[...] *sou despertada digamos para uma perspectiva que não era mais só técnica, funcional, profissional era uma coisa que eu me encontrei completamente com algo ligado à reflexão, à produção de conhecimento ao pensamento.*”

Em relação a sua visão de mundo e conhecimento sobre a sua área, fez o seguinte relato:

“Há uma relação direta do mercado e das estruturas organizacionais em relação às profissões da Comunicação. Elas são fundamentais [...] e o grande impacto para a área foi a entrada do mundo digital. Isso aí vai alterar não só os conteúdos como a formação das pessoas, abertura de novos mercados e essas configurações [...].”

A seguir passa a descrever as mudanças de currículo que o Curso de Comunicação Social passou através dos tempos, estando atenta ao desenvolvimento da sua área de atuação, enquanto docente da Faculdade. Sobre isto, destacamos os seguintes trechos:

“Em 1970, [o curso] fazia parte de um currículo, há uma grande mudança de currículo em 1976, em 1984 [...] eu coordenei a reforma curricular, fazia parte da chamada Comissão de Carreira...então [com] essas mudanças nós vamos sair de uma mudança por exemplo técnica.”

“Em 1969 é que se institui o curso de Comunicação Social que até então a Comunicação era equivalente ao Jornalismo se eu fazia Jornalismo e Propaganda. Em 1969 vai se criar essa divisão. E aí em 1977 tem a introdução do Radialismo.”

“Em 1972 aumenta o número de disciplinas e 1983 um currículo que foi o que mais durou que vai até 1994 na verdade.”

“Há a aprovação de uma resolução de 1984 e a gente fez, por incrível que pareça, embora bastante cerceado, [...] foi uma reforma que ampliava a carga eletiva das disciplinas, ampliava, introduzia seminários por exemplo, para dar uma visão maior, havia uma carga teórica muito maior respeitando um pouco o que era a identidade da UFRGS. E também porque nós não tínhamos laboratórios, não tínhamos salas especiais e tal.”

Com esta cronologia do desenvolvimento do curso de graduação em Comunicação, pode-se comparar com o acervo da Biblioteca em relação às bibliografias utilizadas na época, pelas disciplinas em vigor.

“Nós inovamos tanto que a gente fez inúmeras palestras por ai porque a gente conseguiu dentro de um currículo que era aparentemente bastante fechado nós conseguimos inovar: fizemos um jogo de conteúdos e ai você tinha um currículo que era interdisciplinar nós mantivemos que as áreas da comunicação que as áreas profissionais como RP PP e Jornalismo se mantivessem juntas então.”

“Havia um eixo estruturante bastante grande e o aluno foi instado, digamos a fazer disciplinas teóricas e seminários em outros lugares e os seminários davam a dimensão interdisciplinar. Comunicação e cultura, comunicação e saúde, comunicação e arte, foi uma abertura bastante grande.”

Continuando com a narrativa da trajetória do curso, lembra que *“Em 1994, há uma... [...] perspectiva [que] daí já foi uma espécie de fechamento maior das disciplinas.”*

E em relação ao currículo atual do curso, manifesta a seguinte avaliação: *“E o currículo vigente, acho que há um retrocesso, eu entendo assim, que foi sendo capitaneado pelo Jornalismo que foi a divisão dentro do campo da Comunicação então nós vivemos hoje uma coisa muito estranha...”*

Segue mencionando a interdisciplinaridade do curso ao relatar as mudanças que ocorreram na estrutura do currículo, principalmente na área do Jornalismo: *“Manter um mínimo de consciência, dessa interdisciplinaridade mas nós perdemos em relação ao Jornalismo, por exemplo. O Jornalismo acabou tendo uma autonomia bastante grande.”*

Em relação ao curso de Relações Públicas, destaca: *“O Curso de RP ficou um curso mais avançado do ponto de vista pedagógico e eu acho que o Curso de Jornalismo perdeu a sua singularidade.”*

Com certa indignação e contrariedade, aponta: *“E o Jornalismo tirou [a disciplina] Comunicação e Política. Nós fomos o primeiro Curso de Comunicação a ter essa disciplina como obrigatória ele tirou, ela ficou como obrigatória só para PP e RP.”*

Em relação ao atual currículo, salienta com certa tristeza *“[...] tem uma interdisciplinaridade cada vez maior na pós-graduação e não tem mais na graduação.”*

“Quando você tira a perspectiva teórica e amplia a tecnologia é um investimento desnecessário... que pode se aprendido em poucos dias.”

Em relação ao seu conhecimento do acervo a sua visão sobre o valor do acervo para a sua área, fez as seguintes reflexões:

“Eu acho que não é o acervo que vai dar essa informação [...]”, se referindo à história dos cursos, “[...] essa informação está na estrutura dos currículos. [...] O acervo sempre vem dentro de um contexto, por exemplo, até a década de 1970 início dos anos 1980 toda a bibliografia era uma bibliografia traduzida de referenciais norte-americanos ou canadenses então há um tipo de olhar sobre o que era a comunicação naquele período e que passa por isso.”

“Tanto que, por exemplo, livros de opinião pública do Gabriel de Tarde que era de 1903 ou [Walter] Lippmann [...] demoraram décadas para serem traduzidos [...]. A área de RP, por exemplo, comunicação organizacional, nós tínhamos coisas muito primárias do campo, muito técnicas, muito norte-americanas a partir da criação de uma instituição tipo a da Abrapcorp⁹ você começa uma produção científica no campo da área de RP, na área de Propaganda menos e no campo do Jornalismo mais ainda...a ter mais pesquisa.”

Segue relatando a migração da bibliografia eminentemente técnica ou funcional dos cursos de Comunicação baseadas em literatura norte-americana, traduzida: *“Depois desse investimento nessa bibliografia técnica, [...] funcional, tu*

⁹ABRAPCORP: Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional

começa a ter acesso a uma bibliografia francesa, inglesa que quebra uma hegemonia [...] dos norte-americanos que tem a ver com o simbolismo e a própria literatura latino-americana.”

Sobre o surgimento de autores latino-americanos nas bibliografias das disciplinas da área da Comunicação, lembra: *“a própria literatura latino-americana começa a aparecer nesses processos todos.”*

Em relação ao acervo da Biblioteca e a sua importância para as áreas da Comunicação, destacamos os seguintes trechos:

“A nossa biblioteca é boa porque nós temos também na pós-graduação um grupo de pesquisadores que trazem pra cá suas pesquisas [...]”, se referindo à produção intelectual dos docentes que é encaminhada à Biblioteca para registro, arquivamento e salvaguarda.

“Toda a pessoa que vem desse campo da pós-graduação [...] vem com a questão da pesquisa que não se faz com um acervo funcional técnico.”

O acervo da Biblioteca obteve grande expansão nas áreas das Ciências Sociais e Filosofia quando da criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, trazendo para a interdisciplinaridade pretendida pelo novo currículo da graduação. Ao lembrar desta fase, a pesquisadora enfatiza: *“A área da Comunicação é profundamente interdisciplinar, por isso temos o [Pierre] Bourdieu. E aí tem outros modos de pesquisar, de fazer um pouco as metodologias.”*

No momento de avaliar o acervo, ressalta a importância de solicitar a presença de um especialista: *“Sempre que vocês tomarem uma decisão tem que chamar professores... [tem] bibliografias do século passado que são preciosas. São obras históricas que estão na Sociologia. Sempre que entrar a palavra Comunicação e Informação nos interessa.”*

Ao mencionar títulos de jornais importantes para a história do Jornalismo brasileiro e cuja coleção a Biblioteca possui, destaca: *“O **Coojornal** tinha que ser digitalizado. Vem alguém querendo fazer uma tese sobre **O Pasquim**.”*

“Esse acervo vai se construir a partir das duas vertentes que se sustentam das disciplinas. Alguns livros morrem, outros não. O Dicionário da Comunicação:

escolas, teorias e autores [organizado por Adilson Citelli] [...] são importantes porque são velhos.”

“O que é o Jornalismo de 1945? Em si, ele é o registro de uma época... em tese para renovar. [O fato de] ele existir é um registro de como se fazia o Jornalismo, e as bibliotecas servem pra isso... e tem coisas que não precisam e que são ruins... ruins pra mim, mas podem ser importantes.”

Em relação ao desenvolvimento da área, alerta: “Produção medíocre não avança, não debate, é um viés da exigência da produção acadêmica.”

Ao comentar a presença dos títulos na bibliografia dos planos de ensino das disciplinas, alerta: “Quando ele tá no plano de ensino ele tem importância.”

“Tem uma evolução no campo da Comunicação e Política... hoje tu tem uma evolução da democracia... se continua discutindo política e comunicação eleitoral.”

Ao mencionar autores importantes para a área da Comunicação, afirma categoricamente: “[Marshall] McLuhan [...] não pode se desfazer...o Guy Debord, importantes sobre Opinião Pública, o [Pierre] Bourdieu.”

5.3 “PENSAR EM DUAS ESFERAS DE VALORAÇÃO”

A terceira interlocutora, **Renata**, é formada em Jornalismo pela UFRGS, há 30 anos, com mestrado e doutorado em Comunicação, docente da UFRGS há 20 anos junto aos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas e na Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom). É bolsista produtividade nível 2 do CNPq.

Ao se referir à importância do acervo para a sua área de atuação, esclareceu:

“Eu acho assim, que talvez seria interessante pensar em duas esferas essa valoração do acervo [...] considerando que a gente tem uma biblioteca local e esse local significa não apenas os temas mas também a questão do que eu chamaria de uma memória afetiva. Eu acho que faria em dois termos pensando em que, várias vezes, passamos por dilemas de doação: o que guarda e o que não guarda. Porque

hoje em dia a gente tem problema de espaço físico e então eu acho outra questão a ponderar.”

Faz um contraponto em relação ao acervo físico e ao acervo digital, ao se referir a grande parte de acervos que já se encontram digitalizados e disponibilizados na internet através de sites de bibliotecas: *“Duas coisas que teríamos que ponderar, dois espaços: espaço físico e o espaço digital. Ponderaria se eu tenho um acervo já digitalizado desse material com acesso público e gratuito.”*

Sugere que se tenha uma avaliação periódica do acervo, em relação às mudanças ou alterações significativas na área do conhecimento: *“[...] algo a ponderar para mim, poderia ter exemplares, alguns exemplares, por décadas, ou a cada 5 anos, ou vendo o acervo, que pudesse olhar quando houve uma modificação na área esse pra mim poderia ser algum critério [...].”*

Sobre materiais específicos da sua área de pesquisa, que deveriam ser armazenados, pondera: *“[...] na nossa área, aqueles anuários, bancos de imagens que tem coisas, hoje em dia que não precisaria [...]”*.

“Acho também que manuais [...] que ilustrem como foram determinadas técnicas [...] essa história gráfica [...] na transformação dos modos de fazer layout [...] pode ser manual técnico, mas se ele registra em algum momento o que se fazia sei lá nos anos 1980 acho que isso também é importante [...].”

Ao se referir aos periódicos da área, a pesquisadora cita títulos que julga importantes no que classificou de memória técnica, e justifica:

*“Pensando nos periódicos, nós tivemos revistas fundamentais, como Macmania por exemplo poderia ter um exemplar, [...] **MacUser**, **MacWorld** um exemplar destas revistas uma pra ilustrar mas já pensando nessa memória técnica que pra nós isso interessa ter um exemplar no acervo físico assumindo também que no mundo ideal se tivéssemos espaço, que não é o nosso caso, seria o ideal eu acho que não é o ideal mas ai vem um pouco a preocupação que cada um tem que guardar a sua memória hoje em dia né...que é uma coisa que não se tem.”*

Em relação aos documentos e materiais que se referem à história da Faculdade ou produzidos em determinado período pelo corpo discente ou docente, a pesquisadora sugere classificar tais materiais numa categoria que ela assim propõe:

*“[...] eu chamo de memória afetiva porque por exemplo na nossa área eu identifico, [...] um material que é importante nessa área eu chamaria [...] de memória afetiva mesmo. Porque a gente vê como é difícil a gente ter...saber da história da Fabico a gente não tem coisas da história a gente vai pegar, como era o **Três por Quatro**¹⁰, por exemplo, como eram os nossos jornais.”*

Sugere alternativas para salvaguardar e disponibilizar a memória afetiva, se referindo ao acervo relacionado à história da Faculdade: *“Isso deveria ser um projeto inclusive de scanear esse material, de fazer um acervo digital de coisas que contam a história da Faculdade.”*

Ao pensar na possibilidade de dar alguma importância a um material que traga a assinatura ou autógrafo de alguém, pondera: *“[...] não sei se a assinatura do fulano ou do beltrano num determinado livro faria diferença ai teria que ponderar mesmo porque implicaria que pessoas seriam essas, então teria dos diretores, mas eu acho que esse materiais, principalmente as produções nossas aqui, que foi feito por aqui o que registra comporia uma outra esfera do acervo seria como um acervo independente.”*

Destacando a produção específica da Faculdade, materiais elaborados pelos alunos e professores que trariam um panorama da história da instituição e das publicações que ali foram geradas, explica: *“Eu tô pensando no **Três por Quatro** que era cada um um, tu não teria uma continuidade diferente agora por exemplo a gente tava fazendo a **Sextante**¹¹ que já tem uma identidade.”*

“Mas como tudo na Fabico foi muito avulso teria que guardar tudo as coisas são muito diferentes.”

Complementando sua reflexão em relação às publicações que trazem a história da Faculdade, explica:

“Seria uma lógica quase que inversa da anterior porque ai, cada um, essa que eu to chamando de memória afetiva, cada um deveria ser guardado e aí eu

¹⁰ *Três por Quatro* é o jornal laboratório do Curso de Jornalismo, de periodicidade semestral e totalmente elaborado pelos alunos de Jornalismo, em final de curso.

¹¹ *Sextante* é a revista laboratório do Curso de Jornalismo, de periodicidade semestral e totalmente elaborada pelos alunos do Jornalismo, em final de curso.

acho que seria o papel da Biblioteca da Fabico porque isso é seu, só ela fará isso enquanto que nesse outro aspecto a gente poderia ter em outros lugares. [...] faço sempre esse contraponto entre essa ideia de acervo que tá se transformando também nos últimos anos de maneira significativa [...]

Ao se referir a sua relação com a Biblioteca, no decorrer da sua vida acadêmica, lembra: *“Acho que a nossa Biblioteca ela é muito boa, foi uma biblioteca pioneira, enfim tratar, pensar vocês sempre escutam muito a comunidade acadêmica então...acho que, falei aqui dessa que eu chamaria de acervo técnico, acervo afetivo e outro ponto que eu acho caberia ponderar que é essa escuta que vocês sempre tiveram a minha experiência com a Biblioteca sempre foi de escuta a Biblioteca sempre me acolheu.”*

Abordando diretamente a sua opinião a respeito da valoração do acervo, sugere: *“Porque essa valoração vai depender de conversar com alguém daquela área para entender: vale ou não vale a pena guardar e talvez mais que um.”*

Refletindo sobre a necessidade de haver uma unanimidade em relação à valoração do acervo, pondera: *“Claro que a gente não vai chegar numa unanimidade. Talvez algumas coisas sejam unânimes outras talvez não.”*

5.4 “RELAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM A TECNOLOGIA ENTÃO ISSO ME MARCOU BASTANTE”

A quarta interlocutora, **Rosa**, possui graduação em Biblioteconomia pela UFRGS, atuou profissionalmente em bibliotecas especializadas, fez mestrado e doutorado em gestão da informação, e tornou-se docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e do Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, há cerca de 22 anos.

Sua trajetória sempre esteve relacionada com as novas tecnologias, principalmente em relação às experiências relatadas durante o mestrado e o doutorado, ao afirmar que *“[...] a relação da informação com a tecnologia, isso me marcou bastante.”*

Ao abordar sobre a tipologia de materiais que a sua área adota, aponta categoricamente: *“como pesquisadora desta área o periódico é a principal fonte de informação pra gente, não tenho dúvida que é o periódico. Não tenho dúvida que na área da Ciência da Informação é o periódico.”*

Por compreender que o periódico é a principal fonte de informação na sua área, lembrou dos momentos em que frequentava a Biblioteca em busca do último fascículo de periódico recebido e da mudança que causou quando do surgimento do Portal de Periódicos da Capes: *“[...] chegou o Portal da Capes que daí sim mudou bastante, radicalmente nossa experiência de biblioteca, eu sinto um divisor de águas ali, na minha frequência na biblioteca física. Eu sinto uma virada radical, depois eu vinha mais para livros de graduação.”*

Hoje em dia, percebe que sua presença física na Biblioteca é algo mais raro, uma vez que acessa todos os conteúdos que necessita pela internet, ao fazer a seguinte declaração:

“A Biblioteca é presente mas não fisicamente, a gente tá o tempo todo usando, a gente tá o tempo todo usando o Lume¹², vamos colocar aqui o conceito da biblioteca mais amplo, o Lume, o SABi¹³, o Portal [de Periódicos da Capes] mesmo quando a gente usa o Google, o Google Acadêmico vem a noção de biblioteca eu sinto que tem uma relação muito próxima com a biblioteca, com a biblioteca daqui também, com a biblioteca da UFRGS e com a biblioteca num conceito mais amplo.”

Em relação à constituição do acervo e seu valor para o desenvolvimento da área, pondera:

“Hoje eu acredito que eles [periódicos] teriam um valor mais histórico em parte, mas esse valor histórico é bem importante porque [...] eu acho que tem uma coisa do conhecimento que é assim: se a gente tivesse que dizer: o que que é importante em termos de conteúdo hoje, eu posso dizer o que é hoje, mas não quer dizer que isso é importante de manter pra depois porque muito da pesquisa a gente vai recuperar coisas que tinham sido esquecidas.”

¹² Lume: repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Criado em 2005. Acesso disponível em: <www.lume.ufrgs.br>

¹³ SABi: catálogo online do Sistema de Bibliotecas da UFRGS. Acesso disponível em: <www.sabi.ufrgs.br>

Ao se referir ao livro monográfico e seu conteúdo, declara: *“O conteúdo mais sólido está no livro e o livro é esse suporte que é algo mais permanente. Como uma instância de trazer um conteúdo mais consolidado. [...] As coletâneas fazem isso menos. E o livro é um espaço de escrita.”*

Ao reconhecer a importância da produção intelectual da Faculdade, que é processada, reunida, preservada e divulgada no âmbito da Biblioteca afirma: *“[...] a questão da produção intelectual local que vocês fazem super bem e a UFRGS é a que faz...já tem toda uma tradição e que a gente acaba esquecendo.”*

Comparando as garantias de preservação das informações entre periódicos e livros, aponta: *“as editoras científicas, as grandes editoras de revistas internacionais, elas já tem todo um sistema de guarda, preservação e acesso que [...] garantem no longo prazo, claro que tudo é efêmero, mas elas garantem no longo prazo.”* Em relação à situação das editoras de livros revela: *“Das editoras a gente não tem esse catálogo, digamos assim, com o objeto digital.”*

Ao se referir à baixa tiragem dos livros publicados nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, destaca: *“Eles têm uma tiragem pequena e se a gente perder, a gente perde a história da Biblioteconomia. Eu acho que a gente é responsável por isso também.”*

Pelo fato de se preocupar mais com os livros, em relação à preservação da informação, justifica: *“Por isso que a minha preocupação hoje com os periódicos é menor porque eu acho que o periódico tem um editor científico tradicional e ele já tem as suas grandes bases de dados e em termos de revistas brasileiras, que são das universidades, em geral as universidades também tem essa preocupação por meio do SEER [Serviço de Editoração Eletrônica de Revistas] de guardar isso de disponibilizar.”*

E encerra sua reflexão sobre o livro, dizendo: *“Então, me parece que hoje eu focaria mais no livro monográfico.”*

Destaca sua preocupação com a preservação da informação através das coleções digitais e a responsabilidade das bibliotecas e dos bibliotecários neste processo: *“[...] tem que ter um caminho para esse desenvolvimento das coleções digitais que parecem são responsabilidade de outro aqui na universidade, mas que eu acho que elas precisam do papel dos bibliotecários.”*

5.5 COSTURANDO OS DADOS COLETADOS NAS ENTREVISTAS

As informações, coletadas a partir da narrativa das pesquisadoras, foram elencadas através da verificação dos termos significativos utilizados e apresentados de forma a manter a fidelidade ao que foi dito. Apesar de se tratar de uma pesquisa qualitativa, este levantamento mostra-se importante por reunir as palavras mais mencionadas nas entrevistas, com o intuito de buscar uma homogeneidade nas narrativas, buscando um consenso para o problema da pesquisa.

A seguir, estão apresentados os termos mencionados em relação à trajetória social das entrevistadas, em forma de nuvem de palavras, para a melhor visualização (Figura 2):

Figura 2 – Termos mencionadas durante as entrevistas em relação à categoria **Trajetória social**



Fonte: dados da pesquisa

De acordo com a figura, os termos mais mencionados durante as entrevistas, em relação à trajetória acadêmica das entrevistadas foram: **pesquisa**,

informação, tecnologia, inovação / inovador. Estas palavras revelam que as pesquisadoras estão imersas em uma das atividades fim da instituição universitária, a **pesquisa**, e que tem na **informação** a sua finalidade. A **tecnologia** e a **inovação**, presentes nas falas dos dois grupos, evidenciam que a trajetória das pesquisadoras foi fortemente permeada por estes dois aspectos. As pesquisadoras da área da Ciência da Informação, foram, a seu tempo, pioneiras em determinadas atividades e, de certa forma, inovaram ao propor mudanças nas suas práticas quer de docentes quer de profissionais. Já a **tecnologia** revela o alinhamento que, segundo os relatos, fez grande diferença nas atividades profissionais, de pesquisa e de ensino dos dois grupos.

A **interdisciplinaridade** mencionada somente pelas pesquisadoras da área da Comunicação, corrobora com a própria característica da área, não sendo mencionada na área da Ciência da Informação. Os termos **ativista** e **atuação política**, utilizados somente nos relatos das pesquisadoras da área de Comunicação, revela a natureza da atividade do pesquisador, que envolve uma atuação mais intensa na sociedade. Também a preocupação com o **mercado** foi mencionado por estas pesquisadoras.

A trajetória social das pesquisadoras fala muito da sua visão a respeito da própria área do conhecimento, evidenciando características diversas conforme a sua atividade. O bibliotecário mais voltado para a informação e a pesquisa e o profissional da Comunicação, que também trabalha com a informação, mas com a atuação política e o ativismo de profissionais engajados, tendo a interdisciplinaridade como pano de fundo da sua atuação.

Em relação à visão das pesquisadoras sobre a importância que o acervo pode ter para o desenvolvimento da sua área, manifestaram certa hesitação ao definir o que seria importante. Mesmo assim, os termos mais mencionados, foram coletados com o intuito de identificar alguns critérios de valor para o acervo.

Os termos com maior número de ocorrências, na narrativa das entrevistadas podem ser considerados de maior importância na determinação de critérios na avaliação do valor do acervo, pois é “[...] na linguagem [que] se constroem os significados individuais e sociais e estes se manifestam na ação.” (TAROZZI, 2011, p. 36).

De acordo com Massimiliano Tarozzi, “a teoria deve dialogar com os resultados emersos sobre o tema para evidenciar congruências e divergências e colocar luz sobre os principais êxitos operativos e aplicativos.” (TAROZZI, 2011, p, 36).

Desta forma, seguiremos na interpretação dos dados coletados, com a finalidade de dar um significado para a questão solicitada neste estudo. Pela figura a seguir, representando as palavras pinçadas das narrativas buscou-se permanecer o mais fiel possível às falas das entrevistadas e colher as particularidades de cada uma.

Assim, os termos ou palavras extraídas das suas narrativas, demonstram certa afinidade e compatibilidade, que podem ser verificados na figura abaixo (Figura 3):

Figura 3 – Termos mencionados durante as entrevistas referente à categoria Conhecimento sobre o acervo e a área ou campo do conhecimento



Fonte: dados da pesquisa

Em relação às questões sobre a valoração do acervo, as pesquisadoras, de ambas as áreas, trouxeram os seguintes termos para a narrativa: o **livro**, como primeiro objeto quando se pensa em acervo, o **livro** como o suporte mais duradouro

de armazenamento de conteúdo, o **livro** como base de todo o conhecimento, o **livro** como símbolo do conhecimento científico. O outro termo com grande ocorrência foi **história da área** como o critério relevante na visão das entrevistadas. Conhecer a **história da área** ou campo do conhecimento é poder definir com maior embasamento sobre a importância de determinado acervo para a representação e desenvolvimento desta área ou campo do conhecimento. As entrevistadas, a partir das suas narrativas, geram significado importante ao seu mundo, uma vez que, segundo Massimiliano Tarozzi, “[...] a atribuição de significado [...] não é um processo individual [...] acontece sempre por meio de interações entre os sujeitos[...]” que vai permitir a construção de nexos que interligam estas categorias. (TAROZZI, 2011, p. 36).

Os termos **pesquisa** e **pesquisador** também tiveram destaque em ambas as áreas, revelando a importância deste enfoque no critério de valoração do acervo, assim como os termos **produção científica e acadêmica**, conhecimento dos **principais autores** de cada área e a **bibliografia** dos cursos.

Dos termos levantados somente por uma das áreas, merecem destaque as seguintes palavras: **fonte de informação**, **teoria das áreas**, **valor maior porque foi reeditada** e **tiragem baixa**, todas na área da Ciência da Informação, indicando que a obra considerada como fonte de informação é relevante, as obras que tratam da teoria das áreas, as que foram reeditadas e aquelas de baixa tiragem, fato comum para a área, em que as publicações, no formato impresso, quando editadas, sua tiragem é muito baixa o que torna o livro rapidamente esgotado e por consequência já lhe dá uma certa importância.

Das pesquisadoras da área da Comunicação, as palavras mencionadas com maior incidência foram: **acervo funcional**, **memória**, **interdisciplinar** e **memória afetiva**, outras como **acervo digital**, **acervo técnico** e **registro de uma época** também foram citados como critérios importantes para considerar no momento da avaliação do acervo.

A expressão **memória afetiva** mencionada por uma das pesquisadoras da área da Comunicação, se refere à própria história da Faculdade e das suas produções acadêmicas, e a própria pesquisadora sugere até a criação de uma coleção específica com esse acervo. Ela mesma questiona: “Quem é que vai

guardar isso, senão nós mesmos.”. Faz referência também às questões relativas ao **acervo digital**, traçando um paralelo entre o acervo disponibilizado digitalmente por bibliotecas e que já estaria de certa forma garantido o seu acesso, liberando a biblioteca de não se ater a este material. Fez referência também ao material que se apresenta como **registro de uma época** em relação a determinadas técnicas e teorias a respeito da área, no qual se vislumbra claramente o momento de uma mudança grande nos processos de trabalho ou de rupturas de determinadas ações para novas

A bibliotecária Célia Zaher, Diretora da Biblioteca Nacional de 1972 a 1974 e de 1997 a 2005, ao apresentar a obra de Ana Virgínia Pinheiro, faz a seguinte observação: “[...] não se pode avaliar um documento na perspectiva de um futuro iminente; não se pode fazer ideia do valor de um documento no futuro – este juízo, normalmente, cabe à geração seguinte [...]”. No caso em questão, ao se trazer a voz de pesquisadoras de gerações diferentes, buscou-se esta percepção diferenciada, a partir dos seus pontos de vista e seu conhecimento em relação ao acervo, que não necessariamente fez parte da sua trajetória, mas que é reconhecido pelo seu valor, através dos tempos. (ZAHER, 1989, p. 14).

Outro aspecto que permeou as falas das quatro entrevistadas é o de que a equipe da Biblioteca deve chamar e ouvir a opinião dos especialistas para identificar o valor que as obras têm no desenvolvimento da área. Aspecto este mencionado pela pesquisadora e bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro ao afirmar que: “a melhor metodologia é aquela desenvolvida pela própria instituição que guarda o acervo, por seus responsáveis e especialistas e por usuários.” (PINHEIRO, 1989, p. 17).

Assim essa constatação pôde ser verificada diretamente nos depoimentos das pesquisadoras ao manifestarem suas angústias e preocupações em relação a atribuir valor para o acervo, ou seja, escolher quais seriam os itens mais importantes para a sua área, de acordo com o seu ponto de vista, tanto enquanto especialistas quanto usuárias que foram deste mesmo acervo, na sua vida acadêmica e profissional.

A partir dos termos mencionados pelas pesquisadoras, para eleger critérios de valor para o acervo, e pelas categorias de valor apresentadas, pode-se identificar as seguintes:

- a) **valor histórico**, ao identificar a coleção que descreve a história da área e da instituição;
- b) **valor de memória**, ou como sugerido por uma das pesquisadoras “memória afetiva” para os materiais referentes às produções da comunidade acadêmica;
- c) **valor científico**, para os materiais que marcaram determinada fase de cada área e que estiveram presentes nas bibliografias das disciplinas dos cursos da instituição.

Para Ana Virgínia Pinheiro, um dos critérios para identificar raridade ou preciosidade bibliográfica, aceitos universalmente, é associar ao caráter de unicidade, atribuído ao livro, as características de:

[...] beleza tipográfica, edições limitadas, numeradas ou personalizadas, limite histórico definido pelas características artesanais; autores, editores, impressores, tipógrafos e livreiros célebres; ineditismo do assunto, à luz da época em que foi abordado; carências de novas edições de obras muito procuradas; importância histórica de edições comemorativas ou contemporâneas de acontecimento de inegável relevância histórica. (PINHEIRO, 1989, p. 21).

Em relação à identificação de obras raras ou mesmo singulares, as entrevistadas, apontaram somente o caso de obras com baixa tiragem (caso mais comum na área da Biblioteconomia), mas não mencionaram outras obras específicas que tivessem esta característica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão inicial desta pesquisa, que é a de verificar as possibilidades metodológicas para a valoração de um acervo bibliográfico, como patrimônio histórico, cultural e científico de uma universidade, podemos dizer que é possível elaborar uma metodologia para dar valor a uma coleção bibliográfica, pertencente a uma instituição universitária. Esta metodologia, testada neste trabalho, pôde verificar que a teoria se aplica à prática, ou seja, na teoria os estudos revelam que os sujeitos ou atores envolvidos com a instituição e, no caso, com o acervo, podem e devem se responsabilizar por aferir valor a este mesmo acervo. As pessoas envolvidas com a instituição podem e sabem o que importa para elas nos seus estudos e no desenvolvimento das suas pesquisas.

Os profissionais, bibliotecários e museólogos, que atuam nas instituições que abrigam acervos, são, em geral, obstinados em conservar suas coleções para as gerações futuras, assegurando condições de preservação ao acervo, através do seu olhar atento e do seu fazer diário. Possuem uma relação tão intensa com o acervo da sua instituição que têm dificuldade de opinar sobre a importância deste acervo, alegando muitas vezes que todos os itens são importantes.

As falas das pesquisadoras entrevistadas foram muito importantes porque, de certa forma, ratificaram o que empiricamente a equipe da Biblioteca já vinha fazendo, tanto ao consultá-las especialmente em relação à seleção de itens para agregar ao acervo, quanto na elaboração de critérios de constituição de um acervo histórico, legitimando assim a representatividade da Coleção Histórica (Coleção H). As participantes puderam se expressar com grande flexibilidade ao comentarem suas vidas em torno das suas pesquisas e do seu envolvimento com a instituição, com a área ou campo do conhecimento, com a biblioteca e com o acervo. Algumas nuances foram particularmente reveladoras, ao interligarem suas experiências, através da identificação de significado, cuja interpretação permitiu extrair alguns conceitos ou termos que fizessem sentido para a identificação de valor no acervo. A gravação permitiu maior proximidade com as entrevistadas e em determinado momento, com o gravador ligado, elas puderam efetivamente se soltar e deixar a conversa fluir sem qualquer constrangimento.

Apesar da transcrição das entrevistas se constituir em uma interpretação e, de alguma forma, numa redução de uma comunicação muito mais complexa, a análise dos termos ou palavras utilizadas pelas entrevistadas revelando sua capacidade de gerar significados para o objetivo proposto nesta pesquisa, colaborou substancialmente para a determinação de critérios específicos para a valoração do acervo.

Ao aceitar participar das entrevistas, as pesquisadoras aceitaram pensar sobre o assunto e, no momento da entrevista, puderam expressar a sua reflexão em torno do tema, incluindo suas hesitações, seus silêncios, suas dúvidas... Elas estiveram, naquele momento, trazendo à tona suas opiniões, suas memórias, suas ansiedades enriquecendo os depoimentos e, por consequência, os resultados da pesquisa.

Os critérios levantados, a partir das entrevistas, interligam diretamente com as tipologias definidas na teoria, identificando claramente categorias de valor que podem ser aplicadas diretamente no acervo em estudo.

Se a própria instituição deve elaborar seus critérios de valor para seu acervo, de acordo com a sua missão, ouvir a comunidade acadêmica e os pesquisadores é essencial para a interação necessária em relação ao tema. Ter a comunidade como aliada na compreensão do que é importante ser preservado para o futuro é comprometer e responsabilizar mais ainda os envolvidos junto ao patrimônio da instituição.

Se utilizar do capital científico que as quatro pesquisadoras têm e alcançaram em suas áreas, através dos tempos, foi extremamente proveitoso à medida que elas apresentam os requisitos essenciais do mundo acadêmico para analisar e avaliar o acervo do seu campo de atuação.

Apesar de ter sido mencionado o valor afetivo ou de memória afetiva por uma das entrevistadas, parecendo ser um valor subjetivo, como a palavra afetivo denota, este valor devidamente definido pode ser utilizado e adaptado para as questões que se referem à memória da instituição tanto no seu aspecto acadêmico (produção intelectual) quanto no aspecto da vivência da comunidade num ambiente que predispõe ao aprendizado e às novas experiências.

Conhecer o acervo, ter um momento para olhar profundamente para ele, sua constituição, sua história, sua trajetória através dos tempos. Só quem conhece pode avaliar e identificar valores na coleção. Este foi o momento, esta foi a reflexão proposta para as pesquisadoras.

Dos critérios inicialmente apontados pela equipe da Biblioteca para valorar o acervo, praticamente todos foram apontados pelas interlocutoras. No rol de itens que se determinou ter alguma importância para a área e em consequência para a própria instituição, muitos foram revelados e abordados de forma similar ao que a equipe já havia estipulado anteriormente.

Em relação à localização dos materiais em outras bibliotecas e instituições e também, por sugestão e preocupação, de duas entrevistadas, verificar se os itens têm disponibilidade em plataformas digitais, é também uma forma de selecionar o que será mais importante preservar no acervo físico ou impresso.

A adequação do acervo com a bibliografia dos planos de ensino é esperada pois as bibliotecas buscam justamente dotar a instituição das obras mencionadas nos planos de ensino das disciplinas.

Preservar obras técnicas porque foram importantes e significativas para o curso em determinada época, principalmente enquanto os cursos eram somente técnicos, como mencionado por uma das entrevistadas, e conhecer os autores básicos de cada área se constitui em um critério a ser considerado na valoração do acervo.

A partir desta análise, será possível destacar do acervo geral e corrente aqueles itens que tivessem valor definido a partir dos critérios apresentados pelas interlocutoras. Estes itens se constituiriam em uma coleção paralela, o que impõe uma separação física. O fracionamento do acervo em coleções específicas é uma das ações utilizadas no gerenciamento de riscos.

O valor histórico, por ser o mais amplo, vai abrigar diversas concepções do acervo como, por exemplo, obras mais antigas de cada área, obras comemorativas, obras que deram origem ao acervo, obras que demonstram a evolução da área, entre outras. Diretamente relacionado ao tempo histórico da área do conhecimento, este acervo vai atestar idade e a época histórica da coleção, servindo como prova de autenticidade. Vai se aplicar aos documentos e obras que contribuíram para a

construção da história da área e, da mesma maneira, para o conhecimento científico, entendendo que tais obras se constituem em fontes primárias de informação. Este valor, de certa forma, já está parcialmente contemplado na separação inicial proposta pela equipe ao constituir a Coleção Histórica.

O valor de memória afetiva que se constitui nas produções desenvolvidas por professores, alunos e técnicos da Faculdade também foi contemplado nos critérios levantados pela equipe da Biblioteca. Deles vai depender um conhecimento da cultura passada e presente e das relações sociais desta comunidade com a sua instituição.

Todos estes critérios, estando ou não presentes nas entrevistas, podem ser redimensionados com base na avaliação *in loco* das pesquisadoras, conforme sugerido por elas, quando se referem a “ouvir os especialistas”.

A questão da interdisciplinaridade das duas áreas, apesar de ter sido mencionada por somente uma delas, envolve a interação entre outras áreas do conhecimento com as áreas específicas do acervo, integrando conceitos e procedimentos. Verificar com quais áreas do conhecimento a área principal do acervo mais dialoga para determinar que obras apresentam valor.

Obras que contemplem valor artístico ou estético, não foram mencionadas pelas entrevistadas, mas podem estar presentes na coleção, através de obras ricamente ilustradas, com relativo valor cultural, que tenham atributos de qualidade artística, de estilo e técnica, mas que também vão necessitar de uma avaliação pormenorizada por parte dos especialistas.

O valor científico ou educacional, vai depender de uma relação muito próxima do sujeito que valora com o acervo pressupondo um profundo conhecimento dos autores principais da área, dos marcos históricos pelos quais a área passou e das diferentes contribuições ao desenvolvimento da ciência que a obra gerou.

Os valores não vão se constituir em categorias permanentes podendo, no decorrer do tempo, assumir outras categorias de valor, mediante uma avaliação permanente. Obras únicas, esgotadas, com tiragem baixa ou limitada, conduz a uma

categoria de obras excepcionalmente importantes por não serem encontradas em outras coleções.

No âmbito do gerenciamento de riscos, metodologia provocadora desta reflexão, o valor que se dá a um acervo vai depender da sua importância para a comunidade que dele faz uso. Então, a constituição desta metodologia vai abrigar diversos significados buscando uma homogeneidade de opiniões entre os especialistas.

Se é no contexto do acervo que se realiza a valoração, a participação da comunidade é fundamental para construir as categorias de valoração que sejam significativas e que funcionem no contexto da instituição. Conhecer para valorar ou valorizar, valorizar para conservar, conservar para proteger, estendendo ao máximo a permanência do acervo em condições de pesquisa e acesso ao seu conteúdo.

Para construir categorias de valoração que funcionem em cada instituição, é importante levar em conta, além da participação de diferentes públicos, alguns critérios que explicitem as características dos itens, bem como alguns níveis de contexto que permitam entender em que tipo de campo, um objeto ou grupo de objetos pode ser importante, pois a valoração vai se dar em um ponto de convergência entre o sujeito, o objeto e o contexto.

Este estudo é somente o ponto de partida para analisar os aspectos que devem ser levados em consideração, no momento de fazer a valoração de um acervo. Por se tratar de um tema que sugere certa parcela de subjetividade, o estabelecimento de critérios deve ser revisto após sua aplicação, para que as especificidades de cada área sejam abordadas de forma mais detalhada e fundamentada.

REFERÊNCIAS

BALLARTI I HERNANDEZ, Josep; FULLOLA I PERICOT, Josep Maria; PETIT I MENDIZÁBAL, Maria dels Àngeles. El Valor del Patrimonio Histórico. **Complutum Extra**, v. 6, n. 2, p. 215-224, 1996. Disponível em: revistasucm.es/index.php> Acesso em: 10 jul. 2017.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 237-246.

BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **Terminologia em conservação de bens culturais em papel**: produção de um glossário para profissionais em formação. 2018. 292 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, RS. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/04/tese_Silvana_F_Bojanoski.pdf Acesso em: 05 maio 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos sociais da Ciência**: por uma sociologia crítica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. 3. Ed. Cotia : Ateliê Editorial, 2008.

COHEN DAZA, Davi ; FERNÁNDEZ REGUERA, Mario Omar. Valoração: implicações para a gestão de riscos, a conservação e o manejo das coleções. In: SEMINÁRIO-OFFICINA EM VALORAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS, 1., 2012, Brasília,. **Ensaio...** Brasília: Programa Ibermuseum, 2014. P. 242-248.

COHEN DAZA, Davi ; FERNANDEZ REGUERA, Mario Omar. **Valoración de colecciones**: una herramienta necesaria para la gestión de riesgos de las colecciones. Bogotá : Programa Fortalecimiento de Museos, Museo Nacional de Colombia, 2013.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS (ICOMOS). **Carta de Burra**. 1980. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf Acesso em: 18 jul. 2018.

CUTY, Jeniffer Alves. Revisando a dimensão conceitual e política da cultura de preservar cidades. In: FRANÇA, Maria Cristina C. de C.; LOPES, Cicero Galeano; BERND, Zilá. **Patrimônios memoriais**: identidades, práticas sociais e cibercultura. Porto Alegre: Movimento, 2010. P. 126-141.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre o processo de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae ; COUTNHO, Rejane Galvão (Org.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009. P. 23-52.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.

FRONDIZI, Risiere. **¿Qué son los Valores?** México: FCE, 2004.

GONÇALVES, Willi de Barros; ARAÚJO, Diná Marques Pereira; FERREIRA, Carolina Concesso. Uso de critérios de raridade e valoração de acervo no gerenciamento de riscos em acervos bibliográficos raros e especiais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVO RARO, 10., 7-8 nov. 2012, Rio de Janeiro. [Anais...] Rio de Janeiro, 2012.

GUICHEN, Gâel de. Medio siglo de conservación preventiva : entrevista com Gâel de Guichen. **GE-Conservación**, Madri, n. 0, p. 35-44, 2009. Entrevista realizada por el Comité Científico Técnico del GEIC (Marisa Gómez y Benoît de Tapol).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLLÓS Adriana Cox; PEDERSOLI JR., José Luiz. Gerenciamento de riscos: uma abordagem interdisciplinar. **Jornal Acesso**, Salvador, v.3, n.1, p. 72-81, abr. 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio material**. Brasília, c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276> Acesso em: 11 jul. 2017.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Committee for Conservation. **Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage**. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/ICOM-CC%20Resolution%20on%20Terminology%20English.pdf> Acesso em: 15 jul. 2018.

LESSARD-HÉBERT, Michelle ; GOYETTE, Gabriel ; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa** : fundamentos e práticas. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MATTOS, Lorete. O encontro da conservação de bens culturais e a Psicanálise: uma metáfora possível. **Conversaciones...**, Cidade do México, n. 5, p. 363-377, jul. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história : a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 9, p. 7-28, dez. 1993

OGDEN, Sherelyn. Planejamentos para preservação. In: OGDEN, Sherelyn; GARLICK, Karen. **Planejamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. P. 7-15. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 30-32).

PEDERSOLI JUNIOR, José Luiz. Entrevista com José Luiz Pedersoli. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 23 , n. 2, p. 7-12, jul./dez. 2010.

PEDERSOLI JUNIOR, José Luiz ; MATTOS, Lorete. O Gerenciamento de riscos em acervos. In: ARISTIMUNHA, Cláudia Porcellis ; FAGUNDES, Lígia Ketzer ;

MATTOS, Lorete (Org.). **Preservação de Patrimônio Cultural**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2013. p. 58-75.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

POMIAN, Krzysztof. Coleções. In: ENCICLOPEDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1994. V.1: Memória-História. p. 51-86.

REPUBLICA DE COLOMBIA. MINISTERIO DE CULTURA. DIRECCIÓN DE PATRIMONIO. **Manual para inventários de bienes culturales muebles**. Bogotá, 2005.

REYS MATE, Manuel. Benjamin ou a primazia da política sobre a história. **Isegoría**, Madrid, v. 4, p. 49-73, 1991. Disponível em: <http://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/353> Acesso em: 15 jul. 2018.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SILVA, Tomás T. da. Dr. Nietzsche, curricularista: com uma pequena ajuda do Professor Deleuze. In: MOREIRA, Antonio; MACEDO, Elizabeth F.(Orgs.) **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto: Porto Editora, 2002. p. 35-52.

SOUSA, Miriane Steiner de. O papel dos museus na valorização do patrimônio cultural imaterial. In: BEM, Judite Sanson de [et al.] (Org.) **Museus, memórias e gestão**: casos rio-grandenses. Canoas, RS: Editora Unilasalle, 2018. P. 66-76.

SPINELLI, Jayme; PEDERSOLI JR., José Luiz. **Biblioteca Nacional**: plano de gerenciamento de riscos, salvaguarda e emergência. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a grounded theory**: metodologia da pesquisa e da teoria fundamentada nos dados. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZAHER, Celia Ribeiro. Apresentação. In: PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989. P. 13-15.

ZANCHETTI, Silvio Mendes. **A Teoria contemporânea da conservação e a arquitetura moderna**. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2014. (Textos para Discussão, v. 58)

APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE

Ao buscar referencial teórico sobre a temática desta pesquisa, recorreremos aos seguintes termos ou palavras-chave, nas bases de dados e repositórios digitais de universidades: acervo, coleção, valor, valoração, biblioteca, em língua portuguesa; *collection, bibliographic collection, value, valuation, library*, na língua inglesa. Também foram incluídos os plurais de cada um dos termos, nas duas línguas.

Em se tratando de valorar acervos, os estudos recaem invariavelmente sobre as obras de arte e documentos reconhecidamente históricos para determinada sociedade, pertencentes a coleções de museus e arquivos. Os estudos até o momento levantados sobre a temática abordam as questões destacadas a seguir.

Recentemente, em 2016, na Universidade de Brasília, foi defendida a dissertação do Programa de Pós-Graduação em Economia, Mestrado Profissional em Economia e Gestão Pública, por Jhonathan Divino Ferreira dos Santos, tratando da *Valoração Econômica de Serviços de Informação*. Trata-se de uma pesquisa bibliométrica a respeito da literatura sobre valoração econômica de bibliotecas, apresentando conceitos relativos ao contexto político e econômico da Sociedade da Informação e aos métodos de valoração de bens intangíveis, referindo-se ao valor e a importância atribuída pelo consumidor para bens ou serviços que não possuem valor de mercado, levando em consideração aspectos culturais, sociais, religiosos. Refere à atribuição de valor a bens e serviços como a razão principal das duas maiores escolas do pensamento econômico, a marxista e a neoclássica. Uma atribui valor em função da quantidade de trabalho socialmente incorporado na produção de um bem ou serviço. De outro lado, a escola neoclássica defende que o valor é determinado pela utilidade.

Também na Universidade de Brasília, foi localizada outra dissertação, defendida, em 2012, por Jayme Wesley de Lima, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, tratando sobre *O Patrimônio histórico modernista: identificação de valores de edifício não tombado de Brasília: o caso do edifício sede do Banco do Brasil*. Neste estudo o autor problematiza os significados do patrimônio histórico e os conceitos de monumento e valores patrimoniais, partindo da

formulação teórica de Alois Riegl. Ao discutir os conceitos de valor presentes na obra de Riegl, trouxe questões em relação a forma de imputar valores a um bem que não teve em sua origem a intenção de ser um monumento, ou de como buscar atributos específicos para qualificar determinado bem, já que a valoração é relativa.

Na Universidade Federal de Pelotas, em 2012, Rogério Piva da Silva, defendeu a dissertação *O Valor econômico do patrimônio cultural: o caso da Fábrica Rheingantz na cidade do Rio Grande – RS*, apresentada ao Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Neste caso, o autor traz a questão da valoração contingente, como método de valoração, utilizado pela sociedade rio-grandina em relação à edificação na qual esteve sediada a fábrica. Trata da valoração econômica como justificativa para a necessidade de se fazer escolhas entre o que é indispensável preservar e o que não é, em função da escassez de recursos.

Outros trabalhos localizados nas pesquisas realizadas podem ser também mencionados neste levantamento.

No ano de 2015, foi publicado o artigo *Criterios de valoración de ejemplares de las colecciones del Museo Nacional de Ciencias Naturales de Madrid*, de autoria de Celia M. Santos-Mazorra e Isabel Rey Fraile, no *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*. O artigo trata dos requisitos legais e administrativos em relação às cópias de réplicas do acervo do Museo Nacional de Ciencias Naturales, de Madri, utilizadas nas exposições ou em depósito temporário. Estes objetos necessitam de cuidados especiais em relação a sua conservação e ao retorno ao museu. Dentre as medidas para garantir o retorno das peças em condições adequadas está a contratação de seguro contra todos os riscos que a coleção pode sofrer, o que requer uma avaliação econômica anterior de cada uma das peças emprestadas.

Silvio Mendes Zanchetti, professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, fundador e presidente do Conselho de Administração do Centro de Estudos Avançados em Conservação Integrada (CECI), publicou em 2014, *A Teoria contemporânea da conservação e a arquitetura moderna* da coleção Textos para Discussão do CECI. Nesta obra aborda a conservação em relação ao significado ou aos valores e não em relação às características físico-materiais, movimento iniciado

por Cesare Brandi e continuada pela Carta de Burra. Se refere a valores como produtos da mente humana e do seu caráter subjetivo, ressaltando que são formados pela interação entre o sujeito e o objeto, em um determinado contexto. Os valores podem ser documentais, instrumentais ou simbólicos.

Em 2012, Willi de Barros Gonçalves, Diná Marques Pereira Araújo e Carolina Concesso Ferreira, da UFMG apresentaram um estudo a respeito do *Uso de critérios de raridade e valoração de acervo no gerenciamento de riscos em acervos bibliográficos raros e especiais*, no X Encontro Nacional de Acervo Raro, promovido pela Biblioteca Nacional. Os autores apresentam relato a respeito das atividades realizadas na implantação das rotinas de gerenciamento de riscos nos acervos raros e especiais da UFMG e como essas rotinas podem ser utilizadas na preservação do acervo com o uso de critérios de raridade e valoração de acervo. A valoração atribuída ao acervo foi feita por especialistas da Universidade e foi baseada na historicidade dos livros e documentos, identificando, através de quadros, o acervo de maior valor histórico, maior valor estético, maior valor monetário e aqueles caracterizados como fonte de geração de novos conhecimentos para a Universidade. Este estudo, apesar de ser destinado a acervo raro e especial, se aproxima muito do tema desta pesquisa.

Finalizando esse levantamento, encontramos mais dois estudos: um evento denominado Seminário-Oficina em Valoração de Acervos Museológicos, realizado em 2012, em Brasília, pelo Programa Ibermuseum. Nesse evento, especificamente abordando as questões sobre valoração em acervos museológicos, encontramos diversos trabalhos pertinentes e relevantes ao tema abordado nesse estudo. Nos ensaios apresentados no evento, encontramos relatos de experiências com valoração de acervos no Chile, Argentina, Costa Rica, Brasil, Colômbia entre outros. Num trabalho de autoria de Davi Cohen Daza e Mario Omar Fernández Reguera, da Colômbia, com o título *Valoração: implicações para a gestão de riscos, a conservação e o manejo das coleções* encontramos a abordagem sobre a avaliação da significância e valoração, temática central para os estudos de cultura material, com repercussões na Antropologia, Arqueologia e Museologia. Esta abordagem faz referência às mudanças de significados que ocorrem nos objetos através da história, o que leva a concluir que tanto a significação como a valoração não são absolutas nem objetivas, mas sujeitas a contingência e relativismo. Traz o termo “biografia

cultural do objeto”, uma metodologia baseada na ideia de “história de vida”, como marco de referência ao analisar o objeto.

O outro material é um relatório, encomendado pela organização MLA – *Museums, Libraries and Archives Council* (Conselho de Museus Bibliotecas e Arquivos) do Reino Unido, para uma consultoria, com o objetivo de verificar as metodologias de impacto econômico para o setor de museus, bibliotecas e arquivos: o que funciona e o que não funciona e os benefícios do uso de museus, bibliotecas ou arquivos expressos em termos econômicos. O valor que o setor possui tem sido tradicionalmente demonstrado através da participação em atividades e serviços oferecidos e esse relatório utilizou uma avaliação contingente, no Reino Unido, para avaliar o valor dos serviços das bibliotecas, dos museus e dos arquivos, tanto para usuários quanto para não-usuários desses mesmos serviços.

Os trabalhos elencados nesse capítulo, de alguma forma dialogam com o objeto de estudo em questão, podendo contribuir com a discussão sobre a temática de valor, cada um na sua perspectiva de abordagem.

Para acervos bibliográficos a questão da valoração é tratada somente no momento do planejamento para a gestão ou gerenciamento de riscos em coleções. Desta forma, as discussões teóricas levantadas em cada um destes trabalhos será pertinente para a elaboração e adequação do estudo sobre valor em acervo bibliográfico.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO -
PPGMUSPA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro ter sido informado(a) e concordo em participar como interlocutor(a) do estudo abaixo descrito.

A participação é livre e o(a) interlocutor(a) tem o direito de solicitar quaisquer informações a respeito a qualquer momento, sem que isso acarrete prejuízo direto ou indireto a este indivíduo.

A pesquisa é de baixo risco para o(a) interlocutor(a) pois será coletada apenas a sua opinião e seu ponto de vista em relação ao acervo, assegurando sua confidencialidade. Ainda que de baixo risco, o interlocutor(a) poderá estar exposto a algum destes riscos: cansaço, exposição de sua identidade a partir das características da sua atuação, desconforto por estar sendo gravado.

A pesquisa *Valoração de acervo bibliográfico: estudo de preservação do patrimônio histórico, cultural e científico de uma biblioteca universitária* que tem por objetivo primário: - *propor uma metodologia para o estudo de valoração de acervo bibliográfico, enquanto patrimônio histórico, cultural e científico da Universidade*. Os objetivos específicos são: - Discutir a gênese das teorias sobre valor aplicadas a acervos bibliográficos; - Analisar a valoração de acervo bibliográfico através da Coleção Histórica de uma biblioteca universitária; - Identificar valores através do resgate da memória coletiva em relação aos campos da Comunicação e da Informação.

A participação do(a) interlocutor(a) se dará através de uma entrevista semiestruturada, que será gravada (em áudio) para posterior transcrição e análise de dados. Os relatos transcritos serão restituídos aos/às interlocutores(as), se solicitado, e mantidos sob a guarda do pesquisador, como responsável, por um prazo de cinco (5) anos. A duração aproximada da entrevista será de 40 (quarenta) minutos. O(A) interlocutor(a) terá o direito de requisitar a transcrição da entrevista caso deseje retirar seu consentimento para a mesma.

Os dados coletados através da sua participação serão utilizados única e exclusivamente para fins acadêmicos, assegurando a preservação da sua identidade. Aos depoimentos serão atribuídos cognomes. Os dados serão armazenados por cinco (5) anos a contar a partir da data de defesa da dissertação, conforme Resolução 510/2016.

Informações a respeito do estudo podem ser solicitadas a qualquer momento por meio da mestrandia pesquisadora, **Miriam Moema Loss**, sob a matrícula 5783 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: miriammoemaloss@gmail.com. Telefone: +55 51 99914.9836. Ou através dos contatos do **Comitê de Ética em Pesquisa na UFRGS** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 321 Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, Endereço eletrônico: etica@propesq.ufrgs.br Telefone: +55 51 3308 3738.

Este estudo está sendo desenvolvido através do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Doutora Jeniffer Alves Cuty.

Cadastro na Plataforma Brasil sob CAAE 07626119.1.0000.5347

Assinatura do participante: _____

Assinatura do responsável pela pesquisa: _____

Porto Alegre, ____ de _____ de 2019